Ano XIII — Lisboa, Julho e Agosto de 1957 — N.os 147 e 148

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO DUPLO AVULSO 3$00

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O NOSSO TESTEMUNHO

Se nos fosse dado o divino dom da omnipresença, estaríamos agora assistindo ao confortador espectáculo proporcionado por milhares de jovens, que neste momento cruzam continentes, mares e oceanos, numa esperançosa jornada de paz e fraternidade entre os homens. Vêm de todas as latitudes e convergem para Inglaterra. Envergam um só uniforme, muito embora a pigmentação epidérmica lhes imprima as diversas cores possíveis à espécie humana, toda a gama de tonalidades desde o muito branco dos europeus nórdicos ao muito negro dos povos da África ou da Jamaica, sem faltar o amarelo dos orientais.

Porém, nem só a raça revela a existência, entre eles, de certas diferenciações. Professam também variadas crenças religiosas, mas todos se afirmam crentes e adoradores do Deus Eterno. E é esse o admirável testemunho que oferecem à humanidade—essas diferenças, se tão profundamente caracterizam as suas personalidades, não são suficientes para os dividir nem tão pouco prejudicam a forte amizade que os congrega.

Por isso, dentro de poucos dias vê-los-emos percorrer as formosas áleas de Sutton Park, de braço dado, confraternizando, reforçando laços de íntima compreensão mesmo por cima da barreira difícil da linguagem, fazendo prova evidente de que os homens poderão viver em completa Paz se quiserem enveredar por caminhos iluminados pela aurifulgente luz do Amor.

É certo que nem todos aqueles que envergam o uniforme escoteiro têm facilidade em adoptar este tão alto padrão de convivência humana. Há na Terra demasiadas correntes de intolerância, doutrinas que transpiram ódios e têm saturado a mente humana de fanatismos. Tão imbuídos estão alguns destes sentimentos, que encontram dificuldade em respirar uma atmosfera isenta dos miasmas da intransigência e da incompreensão. Sentem-se perturbados ao enxergar a seu lado, vestindo o mesmo uniforme, chamando-se irmãos, jovens que sustentam opiniões que se não coadunam inteiramente com as suas. Talvez aspirem a conviver com todos, mas não podem porque a isso não estão ainda habituados. Aflitos, receosos, buscam artificiais diferenciações, para que não sejam confundidos com os outros, os que não pensam segundo a sua cartilha.

À força de se quererem distinguir, acabam por se revelar. Mostram que ainda não são Escoteiros. Todavia, o Escotismo é um movimento educativo. Se, apesar de tudo, não desejam perder o excelente ensejo de viver esta *alegre fraternidade do ar livre*, temos fundamentadas esperanças para acreditar em que acabarão por receber as salutares emanações de Sutton Park, que lhes purificarão os pulmões e vitalizarão a alma.

É mesmo imperioso que assim suceda para que tais elementos possam usar, com pleno direito, o honroso título de Escoteiro. O Escotismo, para ser fiel ao pensamento que lhe deu forma e moveu a expansão, necessita de continuar a ser um só para todos os jovens, sejam quais forem as crenças e opiniões professadas, exigindo-se apenas que a Promessa e a Lei sejam o fundamento da sua vida, dentro e fora das fileiras. Afirmemos, no entanto, que o Escotismo não visa uma unidade forjada na fossilização das consciências ou na paralisia do pensamento. Segue antes os passos do Criador, fomenta a formação da personalidade através de caracteres bem vincados e constrói a Harmonia na diversidade. Procura a unidade espiritual na compreensão entre os homens. Os altos

(Conclui na 2.ª página)

O Presidente da República no Brasil

A recepção feita ao sr. General Craveiro Lopes por brasileiros e portugueses da grande nação luso-americana constituiu a mais expressiva manifestação da solidariedade dos dois povos. Todos nós, Portugueses, sentimos profundamente o carinho com que o Presidente da República Portuguesa foi recebido no Brasil e contraímos para com os nossos irmãos de além-Atlântico mais uma dívida de gratidão que, certamente, servirá para reforçar mais ainda os laços de amizade que unem as duas nações de língua portuguesa.

O Escotismo Brasileiro esteve também presente nas homenagens ao Presidente da República. Os Escoteiros do Distrito Federal prestaram guarda-de-honra ao General Craveiro Lopes, saudando-o expressivamente com o seu típico grito de «ANRÉ!» palavra que os índios brasileiros usavam para saudar os grandes chefes e que significa «salve».

Por esta forma, o Escotismo brasileiro manifestou uma vez mais a sua simpatia por Portugal, simpatia que tem sido expressa tantas vezes através das contínuas relações escoteiras.

«Sempre Pronto» honra-se por constituir um dos elos de aproximação dos Escoteiros das duas nações e deseja que através da sua acção mais se apertem os laços de fraternidade do Escotismo luso-brasileiro.

A caminho do Jambori, dentro de breves dias, passarão por Portugal algumas dezenas de Escoteiros do Brasil. (1) Esta será uma oportunidade mais de confraternização escoteira ao Serviço da Amizade das duas nações lusas.

(1) Passam em Lisboa em 20 de Julho corrente.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.



9 — CRISÓSTOMO PORTUGUÊS, *por Eduardo Moreira. Publicação da Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal. 1957. 338 págs.*

Não se encontra esta obra dentro dos temas que têm sido tratados nesta secção, destinada à apreciação de publicações de índole escotista. Mas, apesar disso, não me furtarei a dizer algumas coisas acerca dela, para conhecimento de um ou outro leitor interessado e curioso.

Assunto vastíssimo que o A. conseguiu condensar nas 300 páginas do volume, um simples comentário transcenderia em muito o exíguo espaço de que disponho; uma crítica ultrapassaria esse espaço muito mais, pelo que tenho de limitar-me agora a dizer apenas de que trata a obra e como foi que o A. se desempenhou da incumbência.

O Rev. Eduardo Moreira é um estudioso apaixonado que se curva sobre todos os problemas para deles extrair tudo o que possa para «fazer Cristandade». Não é um intelectual puro, quero dizer, homem de estudo apenas pelo amor do estudo. Como bom intelectual entende que todo o estudo deve ter uma função informativa, sim, mas sobretudo formativa. Daí que em todas as suas obras, e muitas são elas já, se nota esse desejo de formação, exercendo uma função preceptoral e educativa, quer na novela, quer no poema, quer no folheto de divulgação.

Crisóstomo Português é o seu trabalho de maior fôlego, não só por ser o mais volumoso, mas também porque nele compendiou maior soma de informações, faltando-lhe apenas as anotações desenvolvidas para se considerar obra erudita.

Abrange, nada menos, de 16 séculos de história do púlpito, desde esse conturbado século IV até ao actual, e através da obra acompanhamos a evolução da homilética cristã desde tempos de Agostinho de Hipona até ao nosso século em que tal arte está, assustadoramente, a assumir aspectos inferiores que a equiparam à oratória de propaganda de todos os totalitarismos.

Se do século IV ao XII o A. se detém, principalmente, na homilética peninsular, a partir de então é a portuguesa que ele estuda não considerando-a, como poderia supor-se do título da obra, do ponto de vista restrito da evolução do género, mas enquadrando a oratória cristã portuguesa dentro da história de Portugal, que, sob tantos aspectos, reflecte.

Evidentemente que, sendo sobretudo um educador, e não apenas um historiador, o A. não poderia deixar de, colocado perante problemas como o dos Judeus, da Inquisição, das lutas da Liberdade, dizer a verdade *toda*, o que faz com nobreza e isenção, com uma elegância de que estamos há muito desacostumados, desde que historiadores dos nossos dias e de alto mérito demonstraram não ter pejo de transformar a sua nobre missão de homens de ciência em função de políticos estreitos, mais ocupados em aliciar partidários para sua causa do que em apurar a verdade dos factos.

Nota-se certa diferença de processo entre a primeira metade do livro e o final, que me parece escrito um pouco apressadamente quando, de facto, deveria ser o ponto que o A. teria de focar com mais desenvolvimento, até porque é mais abundante o material de trabalho. Aqui e além notam-se alguns deslizes de datas, que uma revisão cuidadosa não teria deixado escapar, mas que em nada invalidam o valor duma obra que ainda não fora escrita desde o tempo do bispo Cenáculo, a cuja memória o A. a dedica.

Lembramos ao ilustre A. — porque o é, a despeito da banalização do termo que hoje se aplica a qualquer simples escrevinhador de jornais — a necessidade de desenvolver, em futura edição, esta obra, acompanhada do aparato erudito que requer, e fazendo-a seguir do estudo criterioso da eloquência sagrada dos nomes mais representativos entre os homilistas portugueses, em que se destacam esses dois homens de verbo arrebatador que foram António Vieira e Alves Mendes.

Um índice remissivo é também falta sensível num livro que, pelo que se depreende da Introdução, se destina a ser consultado pelos estudantes do Seminário Presbiteriano de Carcavelos, o que muito facilitaria o trabalho dos futuros levitas.

O RATO SÁBIO

O NOSSO TESTEMUNHO

(Conclusão da 1.ª página)

interesses da Humanidade e da Pátria exigem hoje uma unidade que de maneira nenhuma se pode firmar numa hipotética uniformidade de convicções, fantasia inconcebível.

Que o Escotismo alcança esta unidade ficará uma vez mais provado através do alto testemunho que vão dar esses milhares de Escoteiros que agora se dirigem para Sutton Park, na Pátria de Baden-Powell. Dali irradiará — estamos certos disso — uma nova inspiração para o Escotismo Mundial neste Centenário do Fundador e no Jubileu do Movimento.

Entretanto, sejamos, pela nossa parte, fiéis testemunhas deste alto espírito escoteiro, indiferentes às atitudes que *patatenras* inexperientes possam imprudentemente tomar. Logo que tenham endurecido os pés nos trilhos do nosso caminho, subido connosco a vereda da montanha e apreciado a beleza das visões amplas dos mais altos horizontes, decerto que prazenteiramente abrirão também os braços para receber todos os seus companheiros. E o Escotismo continuará assim a garantir a eficiência da sua acção educativa pelos resultados alcançados.

PUBLICAÇÕES

II Congresso Nacional da Mocidade Portuguesa

A Comissão Executiva deste Congresso reuniu em volume o regulamento e as respectivas notas executórias, bem como os discursos proferidos nas sessões de abertura e encerramento pelas altas individualidades que participaram nesses actos solenes daquele Congresso.

O volume, de excelente aspecto gráfico e boa apresentação, é ilustrado com fotografias daqueles actos e a relação de todos os membros do Congresso, em que estiveram representadas as duas associações de escoteiros.

Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido.

Anuário de 1955 da Federação Espanhola de Montanhismo

Está publicado este anuário de 210 páginas, contendo informações de grande utilidade para a prática do montanhismo em Espanha, como seja uma completa relação das entidades que superintendem na prática dos desportos de montanha e campismo, organização central e regional, albergues e refúgios; bem como relatórios das actividades realizadas naquele ano, ilustrado com fotografias e gráficos.

O volume tem muito boa apresentação gráfica. Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido pelo nosso delegado em Espanha, sr. Enrique Genovés, vogal delegado de Refúgios e Acampamentos do Conselho Directivo daquela Federação.



DESILUSÃO

Quando Jerónimo partiu para o Brasil, Raul Vilela, companheiro inseparável no liceu, disse-lhe, enquanto o abraçava, à despedida:

—Fica certo, Jerónimo, que podes sempre contar comigo.

Isso nem se discutia... Pois se eram ambos amigos de longa data e essa intimidade datava dos tempos da instrução primária. Vilela fora mais favorecido pela fortuna. Seu pai era abastado comerciante. Quanto a Jerónimo, os seus ascendentes eram muito modestos. Porém, uma amizade firme unira-os sempre nos estudos. Terminado o curso liceal, Vilela preparava-se, agora, para seguir Direito, enquanto Jerónimo ia tentar fortuna no nosso país irmão.

—Já sabes, Jerónimo, que é só mandares. Conta sempre com o Vilela. E podes crer que fico ofendido, mas mesmo muito ofendido, se um dia tiveres qualquer necessidade e te dirigires a outra entidade, esquecendo este teu velho amigo...

Dez anos depois, estava Jerónimo de regresso. A doença forçara-o a voltar à Pátria. Vinha tão pobre, ou mais, do que partira. Mas, na sua infelicidade, brilhava uma chamazinha de esperança: em Lisboa contava com o Vilela, seu grande amigo, que não o deixaria soçobrar na vida.

Ao chegar ao cais, soube pelo Nunes, antigo irmão escoteiro do seu grupo, que casualmente ali se encontrava, que o Vilela subira vertiginosamente. Formara-se em Direito com uma elevada classificação. Metera-se na política e havia já desempenhado um importante lugar no governo do País. Dirigia algumas importantes empresas e era o maior accionista de um Banco. Para cúmulo da sorte, casara com uma rapariga, cuja família, abastada e de grande posição social, era das relações dos pais de Jerónimo.

O recém-chegado contou ao amigo o seu fracasso. Regressava sem saúde e sem recursos, mas estava esperançado, ou, melhor, *absolutamente certo*, de que o Vilela lhe havia de valer.

—O Vilela?—exclamou o Nunes—Esse pode muito bem auxiliar-te. A sorte protegeu-o. Hoje, é pessoa influente, de grande peso. Além disso, as tuas pretensões são modestas. Qualquer lugar de oficial numa Repartição te convirá. E isso não há-de ser difícil o Vilela conseguir-te...

No dia seguinte, Jerónimo começou as diligências para encontrar o antigo companheiro. O destino, porém, comprazia-se em trocá-lo. Ao chegar à Companhia dos Petróleos, respondiam-lhe que o Dr. Vilela tinha saído havia pouco. Na Sociedade dos Plásticos, informavam-no que havia uma semana, ou mais, que o Dr. Vilela já lá não ia e não sabiam quando voltava. Na Empresa dos Adubos diziam-lhe que esperasse, e, três ou quatro horas depois, respondiam-lhe, invariàvelmente, que o Dr. Vilela tinha estado lá, mas fora entrada por saída e não o pudera atender. No Banco de Fomento informaram-no, após muitas tentativas, que era escusado procurar o Dr. Vilela porque não tinha hora certa de vir...

Calcurriando Lisboa, Jerónimo suava, esbaforido, procurando inùtilmente avistar-se com o Dr. Vilela. A sua esperança, apesar de todos os golpes, não fraquejara, mas, às vezes, surpreendia-se a dizer de si para si:

—Mas não será possível que o Vilela tenha só *cinco minutos* para me atender? Que falta fazem cinco minutos na vida de um homem, embora muito ocupado?!

Telefonou para casa dos pais. Ali obteve o mesmo resultado, não obstante, antes de partir para o Brasil, ter sido recebido por diversas vezes, quase como família. Depois de dezenas de telefonemas, que obtinham sempre uma destas respostas:—o senhor Dr. não está; o senhor Dr. saiu e não se sabe quando volta; o senhor Dr. foi almoçar fora—certa vez, atendeu a esposa do Vilela, a Ana Paula.

—Olá, Ana Paula, daqui fala o Jerónimo Castela.

—O Jerónimo! Então, como está? Voltou do Brasil, é claro. Deu-se lá bem?

—Não, Ana Paula, dei-me lá pèssimamente. Venho arrasado de saúde e sem recursos. E o Raul, como vai? Ouvi dizer que casaram...

—O Raul, óptimo. Já casámos há cinco anos. E temos um casalinho...

—Ainda bem. Folgo muito em que sejam felizes. Pois eu precisava muito de falar ao Raul. Gostaria de lhe dar um abraço e que ele me concedesse cinco minutos de conversa. Já o procurei na Companhia dos Petróleos seis ou sete vezes, nos Plásticos outras tantas, nos Adubos há mais de quinze dias que vou lá diàriamente. Ao Banco até já me disseram que não valia a pena procurá-lo porque ele não tem hora, nem dia certo, de lá estar. Quase sempre eu chego quando o Raul sai, ou, então, saio e, pouco depois, chega ele. Já vê-se que estou em maré de azar. Mas, realmente, o Raul não terá uns momentos para me receber? De manhã, antes de sair; à noite, antes de se deitar; à hora do almoço, por exemplo...

—Você não calcula, Jerónimo, a vida extremamente ocupada do Raul. É tanta, tanta gente a procurá-lo no escritório, no tribunal, nas empresas, no Banco, em todos os lados, que ele não tem um momento de seu. Creia que não é má vontade, Jerónimo, mas...

—Mas cinco minutos para um amigo...—arriscou Jerónimo.

—Mas quem julga você que o Raul é? Ainda ontem ele me disse que gostaria de o receber, mas só talvez lá para o fim do mês que vem, se for possível. Antes disso, pode crer, Jerónimo, que ele tem o tempo absolutamente ocupado.

Jerónimo desiludiu-se, enfim. O Vilela já não o conhecia. Subira na vida e esquecera-o.

Desanimado, voltou a encontrar o Nunes.

—Então, Jerónimo, já conseguiste falar com o Vilela?

—Isso sim. Já lá vão dois meses e nada...

E Jerónimo contou ao Nunes todas as peripécias.

—É para que saibas. Uma pessoa, quando sobe uma escada, volta as costas a quem está em baixo. Mas também é uma verdade que, quando se cai de muito alto, a queda é mais desastrosa. Vê-se bem, Jerónimo, que esse Vilela nunca foi escoteiro...

—Ainda bem.—retorquiu Jerónimo—Um escoteiro nunca procederia assim.

—Isso nem se discute. Um escoteiro,—que o é sempre, pois lá disse o Fundador que *escoteiro uma vez, escoteiro toda a vida*,—é irmão de todos os escoteiros. Por isso, nunca recusa uns momentos para auxiliar o seu próximo.

—E até deve considerar esses momentos os mais preciosos da sua vida, pois permitem-lhe o uso

(Conclui na 4.ª página)

UM POUCO DE HISTÓRIA

QUANDO BADEN-POWELL

foi agraciado pelo Governo Português



Baden-Powell recebeu condecorações de muitas nações de todos os continentes, além daquelas com que foi distinguido na sua própria Pátria. O que talvez não seja suficientemente conhecido é que Portugal foi das primeiras nações que galardoaram o inspirado fundador do movimento escoteiro. Em 1910, o Chile, que tinha sido visitado um ano antes por B.-P., concedeu-lhe a «Ordem de Mérito». Em 1919, foi a Espanha e Portugal que distinguiram Baden-Powell, concedendo-lhe a primeira a «Ordem de Afonso XIII» e Portugal a «Comenda da Ordem de Cristo».

Foi a Associação dos Escoteiros de Portugal que sugeriu este merecido galardão nacional para Lorde Baden-Powell. Nessa ocasião, o sr. Eduardo Moreira, actual pastor evangélico, e já naquele tempo dirigente da União Cristã da Mocidade, dedicando muito carinho ao Grupo n.º 1 anexo à mesma instituição; o sr. Eduardo Moreira — dizíamos — ocupava um importante lugar público como membro da Comissão de Divulgação Económica, que tinha a sua sede no Largo Trindade Coelho. Foi ali que um delegado dos Escoteiros de Portugal o procurou e lhe pediu para se interessar pela sugestão encaminhando-a até junto do Governo.

O sr. Moreira, de cooperação com colegas daquela Comissão, procurou dar seguimento aos louváveis intuitos da Direcção da A. E. P., que mereceram do Governo o melhor acolhimento e, por decreto de 17 de Abril de 1919, B.-P. foi agraciado com a Comenda da Ordem Militar de Cristo.

Esta distinção foi entregue a Baden-Powell em Londres, durante o primeiro semestre de 1920, em dia que ignoramos. A entrega foi feita pelo Ministro Plenipotenciário de Portugal, sr. dr. Manuel Teixeira Gomes, que mais tarde foi Presidente da República, ilustre figura de diplomata, personalidade de grande cultura e de fino trato. Diz-nos Baden-Powell que estavam presentes muitos Escoteiros e que, agradecendo a distinção, afirmou nesse acto que lhe era feita uma honra particularmente grande, «porque era uma ordem conferida, em Portugal, aos antigos Escoteiros marítimos».

Baden-Powell teve nessa ocasião palavras de grande apreço para os navegadores portugueses, conforme mais tarde escreveu numa das suas obras, trecho que o «Sempre Pronto» publicou na íntegra no número comemorativo do Centenário do Fundador. Como se lê nesse capítulo, B.-P. foi criticado pelas suas palavras, e, então, justifica-se prestando justa homenagem à nossa epopeia marítima.

De que Baden-Powell recebeu esta condecoração portuguesa com viva satisfação não poderia haver dúvida depois deste acontecimento. Porém, outro facto atesta a alta estima em que o Fundador tinha a Comenda da Ordem Militar de Cristo e a admiração por tudo que a Portugal dizia respeito.

Por ocasião do Jamboree de 1920, realizado em Londres, Jorge V, acompanhado de Baden-Powell, passou revista ao contingente português. Mas, vamos dar a palavra ao sr. Coronel Joaquim Duarte Borrego que, a nosso pedido, relata o facto. Diz ele: «B.-P., ao passar por nós, num atento exame revelador duma carinhosa simpatia pelo nosso pequeno grupo, que muito nos sensibilizou, reparou que eu, então alferes miliciano licenciado, possuía entre as condecorações portuguesas, a fita da Medalha da Vitória, comum a todas as tropas aliadas que combateram na Guerra de 1914-1918.

«E muito naturalmente comentou: — *Tomou parte na Grande Guerra?* — Imediatamente após a minha resposta afirmativa, que tinha estado em França, sorridente, atentou na fita da Cruz de Cristo com palma, ligada às comemorativas, e dizendo: — *Cruz de Cristo?!* — apontou para a fita que ele próprio ostentava entre as mais elevadas condecorações que possuía e fez-nos lembrar a distinção de que tinha sido alvo pelo nosso Governo, dizendo: — *Também tenho* — com ar de viva satisfação».

O sr. Coronel Duarte Borrego informa-nos ainda que todas as outras vezes que de perto viu Baden-Powell, notou que continuava a usar em lugar de destaque aquela distinção honorífica.

Para nós, é agora motivo de grande satisfação sabermos que

(Conclui na 9.ª página)



O 20.º Aniversário do Grupo n.º 4

Este aniversário foi comemorado com muito entusiasmo de 19 a 26 de Maio passado, com um programa que se intitulou «Semana do Aniversário», durante a qual o Grupo 4 visitou as sedes dos Grupos 15, 41, 44 e 91, onde foi recebido pelos respectivos Chefes e Escoteiros, tendo-se trocado amistosos brindes e reforçado os laços de amizade entre aquelas unidades da Região Norte.

No Domingo, dia 19, a pedido do sr. A. Barbosa, foi realizada uma reunião de confraternização escotista na sede do Grupo, seguida de uma parada de todos os grupos do Norte até ao monumento do Soldado Desconhecido. Aqui, foi colocada uma linda coroa de flores naturais pelo Delegado dos Serviços Centrais, sr. Comandante Coutinho Lanhoso. Durante esta sessão, o sr. A. Barbosa afirmou que o seu trabalho no grupo 4 tinha em vista o engrandecimento do Escotismo.

No dia 22, na sede do Grupo, realizou-se uma outra sessão dedicada aos sócios e famílias dos escoteiros, durante a qual os escoteiros apresentaram um interessante programa de recitativos e canções, tendo servido a todos os presentes um saboroso chá.

Em 26, o Grupo deslocou-se a Paço de Sousa, onde visitou a Casa do Gaiato, tendo sido recebido pelo seu Director, rev. padre Carlos, que dispensou a melhor atenção aos Escoteiros e os saudou com apreço.

Os escoteiros orientados por um dos membros daquela Casa, "O Papagaio„, visitaram as suas instalações.

De tarde, na mata, realizaram-se vários trabalhos e uma festa de campo e foram prestados compromissos de honra por Escoteiros. À tarde, improvisou-se uma equipa de futebol que disputou um «encontro» com os Gaiatos. Como não podia deixar de ser, estes ficaram vencedores por 11 a 1. — *C.*

António Castro Lobo de Carvalho

Em 26 de Maio passado, por iniciativa dos guias António Correia e Rogério Lemos, os escoteiros do grupo n.º 79 efectuaram junto à campa do seu falecido chefe, no cemitério da Ajuda, uma sentida homenagem à sua memória.

Na presença de representações de outros grupos da capital e da viúva daquela chefe, os escoteiros colocaram na campe uma palma de flores e descerraram uma lápida em sua memória, tendo guardado dois minutos de silêncio.

OS NOSSOS CONTOS

(Conclusão da 3.ª página)

da Boa Acção. — concluiu Jerónimo.

E pensando na atitude do Vilela, Jerónimo resolveu dar novo rumo à sua vida.

De novo lhe voltou a esperança. Anoitecia. No céu brilhavam as primeiras estrelas.

MANUEL FERREIRA

BAD ISCHL, 1951

— JAMBORI DA SIMPLICIDADE

Se o Jambori de 1951 não pode ser contado entre os mais famosos quanto à concorrência de escoteiros e primor de instalações, pode gabar-se, todavia, de ter oferecido aos forasteiros um cenário maravilhoso e uma recepção das mais hospitaleiras.

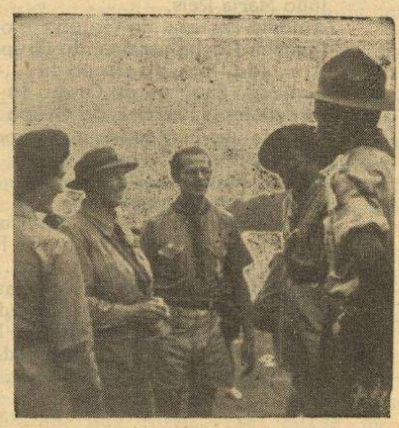
Realmente, quando pensamos nas peregrinações que tivemos ensejo de fazer através do Salzkammergut, somos tocados pela radiosa visão de uma imagem de inexcedível beleza e tranquilidade que jamais se poderá apagar. Essa região de encantos fabulosos, com os seus lagos de sonho, bosques repassados de frescura, cascatas sussurrantes e montanhas alterosas aqui e ali semeadas de típicas aldeias com o casario a debruçar-se nos lagos, não mais se apagará da memória de quantos tiveram o prazer de a gozar.

A moldura do Jambori era outra magnífica perspectiva. Um vale verdejante estendia-se por entre montanhas semeadas de bosques acolhedores. Em obediência ao seu lema, «Simplicidade», o acampamento não oferecia aquelas condições de conforto habituais num empreendimento desta natureza. Fazia-se sentir muito a falta sobretudo, da iluminação eléctrica. O clima alpino, sujeito a chuvas e névoas frequentes, tornava dificílima a orientação durante a noite. Alguns serviços do acampamento também denotavam a falta de pessoal devidamente habilitado a contactar com escoteiros estrangeiros. Mas tudo isto não bastava para apagar a boa recordação desta saborosíssima jornada.

No acampamento, dividido em sete subcampos por onde espalharam as delegações de cada país, tomaram parte cerca de 18.000 escoteiros, sendo de destacar, pelo elevado número de componentes, as delegações dos Estados Unidos, França, Inglaterra, Suíça, Itália e Alemanha.

A organização do campo teve em vista proporcionar a mais intensa confraternização entre os escoteiros de países diferentes. Sentia-se bem que o espírito escotista vivia uma das mais belas horas de comunhão espiritual, dando uma lição preciosa de bom-entendimento e de amizade entre as raças mais diferentes e provando não terem raiz no coração do povo muitas das dissenções que provocam o mal estar entre as nações.

Os convites para tomar parte em fogos de conselho em conjunto trocavam-se entre as diversas delegações. Num recinto apropriado, reuniam-se todas as noites milhares de escoteiros para assistir ao grande fogo de conselho, onde se podiam admirar interessantes números de música e danças regionais.



Lady Baden Powell visitou o Jambori

A Feira era um local concorridíssimo em que os escoteiros adquiriam não só bugigangas, como artigos alimentares, postais e outras recordações. E na vasta parada viam-se, umas vezes por outras, desfilarem, garbosos, escoteiros de todos os continentes.

Também são dignos de menção os serviços hospitalares e dos correios, assim como um observatório privativo do campo.

Sempre fiel ao seu lema «Simplicidade», este Jambori não foi certamente dos mais famosos quanto ao número de comparticipantes e às instalações. Porém, deu ensejo aos escoteiros de conhecer uma das regiões mais belas em que se terá realizado um destes acampamentos do escotismo mundial, assim como de admirar o entusiástico ressurgir dos escoteiros de um país que sofrera os mais cruentos anos de ocupação estrangeira. E foi a hospitalidade do povo austríaco e dos seus escoteiros uma outra grata recordação que os rapazes podem juntar a tantas mais que esta feliz actividade lhes proporcionou.

JOEL RIBEIRO

Ciência e Paciência

UM PROBLEMA DIFÍCIL

Pois, meus amigos, o Carlos foi obrigado a confessar-se incapaz de resolver o quebra-cabeças que o João lhe reservara. Concordamos que o problema, não obstante a facilidade da resolução, apresenta-se um tanto intrincado por mor da confusão originada pelo entrelaçamento dos dados em passos de raposa e em passos de galgo. Mas, para resolver adivinhas deste género, a virtude maior consiste em não se deixar perder a clarividência.

Toda a «Veado» recebeu surpreendida a notícia da falta de êxito de Carlos nos seus esforços. E o João não escondeu o seu contentamento.

— Marca lá um tento a meu favor — disse ele. — E olha que não há nada de transcendente no meu problema. Disse-te que entre os dois animais existia a distância de 40 passos de raposa e que o espaço coberto por 7 passos de galgo era igual ao coberto por 12 passos de raposa, levando a passada de ambos os animais um tempo sensivelmente igual. Ora, por cada 7 passos que o galgo dá diminui 5 passos de raposa nos 40 que os separa, donde se conclui que, ao cabo de completar 8 vezes este troço da caminhada, o galgo está junto da raposa ($5 \times 8 = 40$). E como, em cada troço, ele dá 7 passos, o galgo, para conseguir esse objectivo, terá de dar 56 passos ($8 \times 7 = 56$). Eis aqui a solução.

— Tens razão — assentiu o Carlos. — De facto, o cálculo apresenta-se bastante claro. Desta vez ganhaste; vamos ver se na próxima consegues melhor do que eu com a adivinha que te vou agora dar...

— Dize lá — exclamou perplexo o João.

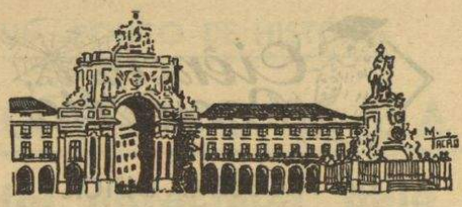
— Bem, toma nota: Um autocarro iniciou a sua carreira quase cheio, mas, na 1.ª paragem, metade dos passageiros desceram e entraram 6. Na 2.ª paragem voltaram a descer metade dos passageiros que, então, se encontravam no carro e subiram 4. Na 3.ª, saíram outra vez metade dos ocupantes do veículo e entraram 2. Depois não saíram nem entraram mais passageiros até que, no termo da viagem, desceram do autocarro 10 passageiros, deixando-o vazio. Pergunto: quantos passageiros havia à partida?

A reunião da «Veado» terminou no meio do maior bulício, ficando todos aguardando com interesse o desfecho deste curioso despique entre Carlos e João.

Como habitualmente, os nossos amiguinhos que ajudarem o João a encontrar a resolução desta adivinha, recebem do «Sempre Pronto» uma pequena lembrança.

* * *

O nosso amigo António Norberto de Sousa Cunha, de Faro, acertou na solução, pelo que tem jus à nossa lembrançazinha. Já o António da Encarnação Amêndoa, de Lisboa, não atingiu o mesmo objectivo, o que esteve quase a conseguir. Ele que não desanime e continue, que chegará na altura devida a sua vez.



O ESCOTISMO NA CAPITAL

Acampamento da Região Centro

106 Escoteiros dos grupos da capital e de Sintra, n.os 1, 2, 5, 8, 10, 13, 53, 79, 93 e 94, acamparam em 15 e 16 de Junho passado, no Pinhal da Paiã, tendo realizado na noite de sábado um fogo de conselho, que decorreu animado, e teve a presença do escoteiro-chefe-geral adjunto, sr. Tovar de Lemos.

O acampamento foi dirigido pelos chefes Madeira Leitão e António Rodrigues, tendo-se entregado a trabalhos de instalação e ornamentação de campo os escoteiros e caminheiros dos diversos grupos.

No Domingo de manhã, compareceu no campo o Pastor Rev. João Severino Neto, Assessor Espiritual dos Grupos Evangélicos, que dirigiu o serviço religioso dos escoteiros evangélicos e exortou os rapazes a terem fé em Deus e a aplicarem nas suas vidas os ensinamentos de Jesus Cristo, buscando para alvo da sua existência um ideal cristão e escoteiro.

Durante a manhã, o campo foi visitado pelos antigos chefes srs. Eng. Nobre Santos e Quintino Pinheiro. Ao fim da tarde, chegaram ao acampamento diversos dirigentes, particularmente o sr. Comodoro Duarte Silva, Escoteiro-Chefe-Geral, que aguardou a chegada do sr. Comandante Henrique Tenreiro, Presidente dos Escoteiros de Portugal. Este foi recebido no campo com uma salva de foguetes, tendo inspeccionado os campos dos grupos acampados, aos quais dirigiu palavras de aprovação.

As bandeiras nacional e associativa foram arreadas respectivamente pelos srs. Presidente e Escoteiro-Chefe-Geral, que após a saudação dos escoteiros se retiraram, tendo em seguida os grupos regressado às suas sedes.

Grupo n.º 94 — Ajuda

Em 25 de Maio passado, realizou-se na sede deste Grupo a interessante cerimónia da Investidura dos caminheiros Luís Garcia Inácio, Mariano Inácio, José Eduardo Pena Ribeiro e Armando Garcia Inácio, que oito dias antes, na presença dos seus padrinhos, tinham já realizado com toda a solenidade o acto da Vigília.

Estes Caminheiros, que tiveram um período longo como Escudeiros, receberam agora a sua investidura. Ao acto compareceram os padrinhos, respectivamente, Joel Ribeiro, Eduardo Ribeiro, Capitolino Macedo, e Samuel Vieira, bem como o pastor Rev. Gerson de Azevedo Meyer e sua Esposa, e os restantes Caminheiros do Grupo.

O Chefe Capitolino Macedo presidiu à cerimónia, tendo lançado a água sobre as mãos dos novos Caminheiros que, prèviamente, fizeram solene compromisso de honra. Os padrinhos enxugaram as mãos dos respectivos afilhados e fizeram nesse momento votos pela sua fidelidade ao Compromisso livremente assumido.

O Rev. Gerson Meyer dirigiu a palavra aos Caminheiros, bem como o chefe do Grupo.

Homenagem a Alexandre Herculano

A Equipa Alexandre Herculano prestou no Domingo, dia 26 de Maio passado, sentida homenagem à memória do seu patrono, reunindo-se no Claustro do Mosteiro dos Jerónimos, dirigindo-se depois ao túmulo do

(*Conclui na 8.ª página*)

Novas assinaturas para o «Sempre Pronto»

Campanha Centenário de Baden-Powell



A grande campanha de assinaturas deveria terminar agora. Estamos, porém, ainda bastante distanciados do nosso alvo. Recolhemos até agora 113 novas assinaturas. Se procedêssemos ao sorteio do Grande Prémio — Uma viagem a Madrid e quatro dias de estadia naquela capital — uma grande parte dos números a sortear estariam ainda na nossa Redacção. Alguns dos interessados sugerem-nos que prorroguemos o prazo do Concurso, de forma que termine em Março do próximo ano. Assim, o contemplado com aquele prémio poderá visitar Madrid na Primavera ou no Verão, como melhor preferir.

Se os restantes concorrentes se não opuserem, a Campanha encerrará, portanto, em 31 de Março de 1958. Lançamos um apelo muito especial a todos os Escoteiros, Antigos Escoteiros e Amigos para que nos ajudem neste esforço. Prometemos que se alcançarmos ou, pelo menos, nos aproximarmos do nosso alvo, o jornal sofrerá profundas remodelações. Começámos já a cumprir a nossa promessa, embora não possamos garantir que continuaremos a manter o mesmo aspecto do «Sempre Pronto». Para isso, necessitamos ainda de mais assinaturas.

Até agora marcaram a sua presença e afirmaram a sua simpatia pelo «Sempre Pronto» os nossos amigos:

José Eduardo Pena Ribeiro, do Grupo 94	17	assinaturas
Armando Garcia Inácio, » » »	9	»
Manuel Tacão Monteiro, » » »	2	»
António Amêndoa, » » »	1	»
Francisco Esteves, » » »	1	»
Júlio Maria Reis, » » »	1	»
António Pestana, do Grupo em org. no Funchal	14	»
Joaquim Rocha Saraiva, do Grupo 44, Gaia	12	»
Armando Rosa, do Grupo 13	8	»
Fernando Sanches, do Grupo 10	4	»
José de Jesus Ferreira, do Grupo 10	3	»
José Manuel Fernandes, do Grupo 60, V. R. St.º António	4	»
Manuel Gomes Godinho, » » » » » »	4	»
Manuel António L. Duarte, » » » » » »	2	»
João António Gomes Nené, » » » » » »	1	»
António Pereirinha Pinto, do Grupo 8	4	»
António N. de Sousa Cunha, de Faro	3	»
Grupo 4, Porto	2	»
Srs. Albano da Silva, Ernesto Nascimento, Alberto Teixeira Brás, Carlos Mamede, António Augusto S. Cunha, Eugénio Ribeiro Nunes, D. Ana Soares Leitão, uma assinatura cada	7	»
Directamente	14	»
Total	113	»

Até agora já foram distribuídos 26 prémios:

1	Prémio de	15 assinaturas	— Um exemplar do livro brasileiro do Prof. Floriano de Paula, «Para Ser Escoteiro».
3	Prémios »	10 »	— Exemplares do livro brasileiro do Chefe Leo Borges Fortes, «Provas de 2.ª Classe».
5	» »	5 »	— Apitos de Escoteiro.
14	» »	2 »	— Exemplares da obra do Prof. Dória, «Desporto, Cinema e Educação».
3	»	extraordinários	— 2 bons talheres de campo de aço inoxidável e um exemplar do texto integral do «Scouting for Boys» de B.-P., tradução francesa.

PRÉMIOS DE PATRULHA

Estes prémios serão atribuídos no fim do Concurso:

100	assinaturas propostas por toda a patrulha	— Uma boa tenda de patrulha.
50	» » » » » »	— Uma cantina de alumínio.
30	« » » » » »	— Um balde e um alguidar de lona.
20	» » » » » »	— Uma lanterna.
10	» » » » » »	— Um machado.

As assinaturas angariadas pelos antigos escoteiros podem contar para os prémios de patrulha desde que nos sejam indicadas as patrulhas beneficiadas.

Homenagem à memória de Alexandre Herculano

prestada pelos Caminheiros do Grupo n.º 94 dos Escoteiros de Portugal

Palavras do chefe Joel Ribeiro junto ao túmulo do insígne historiador.



Escolher um guia, escolher uma inspiração para a vida, enfim, designar o nome de um patrono para presidir ao trabalho e ao enriquecimento espiritual de um grupo de pessoas, é tarefa que requer certa ponderação, discernimento e observação cuidada.

Neste caso dos escoteiros, ao escolherem a figura insígne de Herculano para orientar espiritualmente o trabalho a que se vão dedicar, há que reconhecer ter havido realmente grande dose de felicidade na decisão por todos tomada. O grande historiador é de facto um nome que rendeu à mocidade um interesse muito particular, como por exemplo se pode inferir deste pequeno trecho que ele nos legou.

Diz o grande historiador:

«Mancebos, cujos corações generosos a indignação pode desvairar! No meio das saturnais hediondas que vedes passar; no meio dos gritos descompostos da hipocrisia, que, embriagada de cólera, deixa tombar dos ombros seu velho e já tão roto manto, e nua e violenta pragueja a verdade, atira com a fé aos pés da política, rasga as sacras páginas, maldiz as cinzas dos santos, dos mártires e dos sábios, não volteis, cheios de horror e de tédio, as costas ao Calvário. Não! A filosofia, a honesta liberdade de pensamento, bem vedes que estão santificadas no Livro dos livros. O Cristo foi o Deus da verdade. Se entrardes no templo e ouvirdes dizer que a mentira é santa, que o povo só pode ser virtuoso se crer em falsos milagres, saí, porque o templo está poluído de blasfêmia e pela calúnia; mas não renegueis da Cruz».

Estas palavras de Herculano dirigidas à mocidade, mostram-no-lo na sua estatura completa de lídimo defensor da verdade, essa verdade que, para o grande historiador, não podia de maneira alguma ser maculada, ainda que a favor disso militassem interesses muito legítimos ou as mais prementes conveniências.

De toda a sua vida e de toda a sua obra ressalta este culto fervoroso e nem por um só momento quebrado; e foi desta estrénua fidelidade que resultou a mais crítica e dramática decisão da sua vida: o desterro no Ribatejo.

Outra bela faceta do seu carácter, encontramo-la no desvelo que dedica à liberdade, à honesta liberdade de pensamento, como ele a define no trecho acima. Pela defesa desse ideal estava ele pronto aos maiores sacrifícios, quer combatendo como soldado no campo de batalha, quer desprezando benesses, privilégios e as maiores honrarias, quer renunciando aos mais caros projectos e à sua brilhante carreira de escritor.

Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo veio ao mundo, em Lisboa, a 28 de Março de 1810. A família, de humilde condição, não mostrava requisitos suficientes para oferecer-lhe uma educação muito esmerada, que o fizesse sobressair na Sociedade do seu tempo, tanto mais que o pai perdeu a vista quando Herculano se preparava para se matricular na Universidade. Teve de enveredar por estudos de carácter prático em estabelecimentos particulares. O contacto com outros amigos, permitiu-lhe alargar os seus conhecimentos e iniciar as investigações nos arquivos e bibliotecas que tão úteis lhe seriam mais tarde na sua actividade literária.

Foi este amor ao estudo, foi este amor indefectível pelos princípios que sempre defendeu, foi a fidelidade aos ideais em que a sua alma se comprazia, enfim, foi todo este invulgar conjunto de qualidades que tornaram Herculano um grande historiador, um historiador conscencioso, o único grande historiador da Península, como alguém já o proclamou.

Meticuloso nos seus trabalhos, os livros que nos deixou são verdadeiros modelos de exactidão histórica e de pormenor, o que até se revela nas obras de ficção. A sua prosa é pura, sóbria e vigorosa. E se, por vezes, se lhe fazem reticências a certas particularidades do estilo, em contrapartida há que reconhecer que da sua pena saíram algumas

(Conclui na 10.ª página)

NOTÍCIAS DO JAMBORI DO JUBILEU

Em Sutton Park prosseguem, com a regularidade esperada, os preparativos para a grande reunião de Agosto próximo, a fim de que, na altura própria, tudo esteja na devida ordem.

A arena, estabelecimentos, restaurantes, barracas da feira e as instalações sanitárias estão em adiantado estado de construção. Outros serviços do acampamento serão instalados em grandes barracas de lona. Serão construídas também duas casas pré-fabricadas para utilização de serviços especiais.

Um dos problemas que está a ser estudado cuidadosamente é o do fornecimento de água. Calcula-se que os 35.000 escoteiros que estarão no JIM consumam diàriamente cerca de dois milhões de litros de água. Para assegurar um fornecimento de água nessas proporções construir-se-ão vários depósitos e serão feitas canalizações com um total de 32 quilómetros de comprimento, tanto para o fornecimento de água, como para a retirada das águas sujas.

O acampamento disporá de todos os serviços com que uma cidade de mediana importância pode contar, como sejam igrejas, bancos, estabelecimentos, correios, telefones, hospital. Possuirá também serviços privativos de bombeiros e polícia, desempenhados por escoteiros.

A Rádio e a Televisão no «JIM»

Tanto a BBC como o Independent Television Service instalarão postos em Sutton Park, onde colherão aspectos dos acontecimentos mais importantes do grande acampamento. A cooperação com a Eurovision permitirá que as imagens do JIM sejam levadas a quase toda a Europa.

A BBC prepara também programas especiais e um amador de ondas-curtas planeja um programa diário mundial de notícias do acampamento.

Em cada subcampo será instalado um posto de recepção de televisão. Para muitos escoteiros, será esta a primeira oportunidade de assistirem a uma emissão de televisão.

Diversas notícias

● «Jubilee Journal» será o nome do diário do grande acampamento. Prevê-se uma tiragem superior a 40.000 exemplares diários.

● Uma importante firma cinematográfica fará um filme colorido e sonoro do acampamento, sob o patrocínio de uma companhia inglesa de chá.

● Sutton Park está sendo regado com insecticidas, a fim de se reduzir ao máximo os incómodos causados por insectos nocivos.

● Lady Olave Baden-Powell, viúva do Fundador, presidirá à cerimónia de encerramento do Jambori do Jubileu, na tarde do dia 12 de Agosto.

Portugal no JIM

Os Escoteiros de Portugal enviarão a Sutton Park 12 caminheiros para participarem no «Rover Moot», sob a direcção dos chefes Moniz Silva do Grupo 52, de Angra do Heroísmo, e Arnaldo Couto do Grupo 91, de Gaia.

Participará também naquele grande acampamento o sr. Engenheiro José Maria Nobre Santos, ex-chefe geral, que para ali seguirá de avião. Será nosso delegado à

(Conclui na 10.ª página)

O ESCOTISMO NA CAPITAL

(Conclusão da 6.ª página)

grande historiador onde colocou uma formosa palma de cravos.

Ao acto assistiram os Escoteiros-Chefes-Gerais Adjuntos srs. Luís Grau Tovar de Lemos e Albano da Silva; o Chefe do Grupo, e o Director do nosso jornal, bem como a Chefe da Companhia de Guias «Rainha D. Leonor». O Chefe Joel Ribeiro fez nesse momento o discurso que publicamos noutro lugar.

Sporting Clube do Rio Seco

Em Maio passado, esta colectividade realizou na sua sede e em comemoração do seu anivessário, uma festa dedicada à sua Escola Primária, em cujo programa o Grupo 94 colaborou com um programa de variedades, que foi muito apreciado pelo numemeroso auditório.

No Domingo, dia 19 realizou-se também uma sessão solene na qual o Grupo 94 prestou guarda-de-honra, com a colaboração do Grupo n.º 10, ao representante do sr. Subsecretário da Educação Nacional.

GRUPO N.º 8 (Pedro Álvares Cabral)

Nos dias 8 a 10 de Junho passado, e ainda em comemoração do seu II aniversário, este Grupo realizou um acampamento no pinhal da Paiã, que foi montado no sábado ao princípio da tarde, tendo-se efectuado nessa noite jogos nocturnos e fogo de conselho.

No domingo de manhã, o tempo esteve chuvoso, não permitindo a execução do programa. A tarde, porém, esteve cheia de sol, e os escoteiros entregaram-se a trabalhos de campo.

No «Dia de Portugal», logo após o içar das bandeiras, o chefe do Grupo dissertou sobre o significado do dia e sobre Camões, citando alguns versos dos Lusíadas.

À tarde, com a presença do Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos e de muitos membros da Igreja Presbiteriana Lisbonense, a que o grupo pertence, procedeu-se à promessa dos novos lobitos da Alcateia, cerimónia dirigida pelo Chefe Pereirinha Pinto. Também fizeram compromisso de honra os novos escoteiros Joel Pinto e João Paulo, que transitaram da Divisão Lobito. Após o acto, o Rev. Vasconcelos falou aos novos escoteiros, referindo-se ao carácter cristão de B.-P. e ao significado da promessa, baseada nos ensinos de Jesus Cristo.

Depois de uma tarde alegremente passada com a execução de diversos jogos, os escoteiros regressaram à sede nos autocarros reservados pela Igreja.

Grupo n.º 10

No passado Domingo, dia 9 de Junho este Grupo inaugurou uma Secção em Algés anexa à Missão da Igreja Presbiteriana, que tem a sua sede na Rua Eduardo Augusto Pedroso, n.º 12.

Neste dia, após o culto de dedicação do templo, prestaram promessa os 8 novos escoteiros que constituem a patrulha «Falcão», bem como os lobitos que reforçaram a Alcateia que já ali existia. Aquela patrulha tem como Guia o escoteiro Paulo Balão e subguia Carlos Alberto Neves, que, cheios de entusiasmo, procuram o desenvolvimento da actividade da patrulha.

A Secção é dirigida pelo Caminheiro Eduardo Augusto Balão e a Alcateia pela Chefe Helena Leonor Pereira Balão, que com a maior dedicação estão trabalhando pelo desenvolvimento desta unidade escotista.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Reunião de confraternização dos «Antigos» do Grupo n.º 3

Antigos escoteiros do Grupo n.º 3, que foi uma das três unidades fundadadoras da A. E. P. e estava anexa ao Liceu Pedro Nunes, reuniram-se, a exemplo do que fizeram o ano passado, no dia 13 de Junho num almoço de confraternização, em que tomaram parte cerca de trinta elementos.

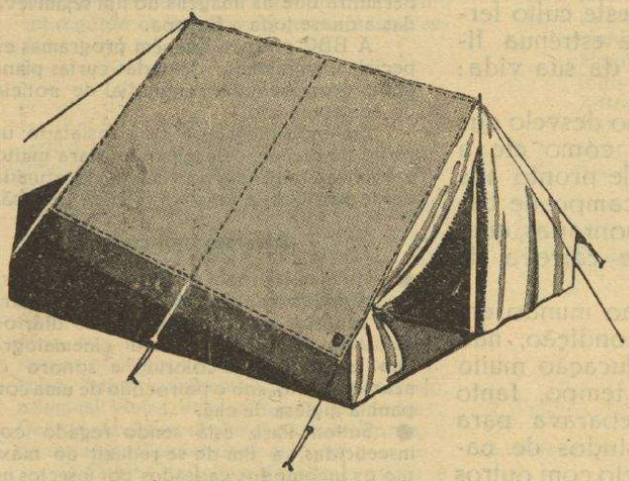
Entre estes, sabemos contarem-se os srs. comodoro Vasco Lopes Alves, professor Frederico Oom; engenheiro agrónomo Henrique Moura, drs. Carlos e José Neves, e José Marques Cunha, Gustavo Pereira da Costa, dr. Manuel Bento de Sousa, pintor Carlos Botelho, arquitecto Luís Benavente, Alberto e Avelino Barbieri Cardoso, eng.º Alvaro Bobone, Eduardo Martins, dr. João Faria Lapa, Mário Vicente Ribeiro, Pedro Nunes, Rui Afonso dos Santos, Teves Costa e Vasco Gomes da Silva.

Visita ao Grupo n.º 13

A Direcção da Fraternal tem vindo a realizar regulares visitas aos grupos de escoteiros da capital. Em Maio passado, coube a vez ao Grupo n.º 13 da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Compareceu um bom número de antigos escoteiros, que se mostraram vivamente interessados pela vida do Grupo 13, tendo-se trocado afectuosas saudações e feito votos pelo desenvolvimento desta tão antiga unidade dos Escoteiros de Portugal.

MATERIAL MODERNO PARA ACAMPAMENTO



A «TECNICAMPO»

casa especializada em tudo para campismo, apresenta-vos sempre o maior sortido em:

Tendas de todos os modelos, Sacos alpinos com armação, Mochilas, Sacos de dormir, Bornais, Bolsas, Facas de Mato, Cantinas, Cantis, etc., etc.

Antes de adquirir material consulte sempre a

TECNICAMPO, L.DA

Rua da Conceição, 13-1.º—Telef. 21917—LISBOA

(Desconto de 10 % aos Escoteiros)

MÁQUINAS DE ESCREVER SOMAR E CALCULAR

NOVAS E USADAS

VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO

ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER

OFICINA DE REPARAÇÕES

COM PESSOAL ESPECIALIZADO

ORÇAMENTOS GRÁTIS

QUINTINO, L.DA



RUA DA PRATA, 141, 2.º

TELEF. 36 73 73

LISBOA

ENRIQUEÇA A SUA BIBLIOTECA ESCOTEIRA!

Todo o Escoteiro, especialmente os Dirigentes, deve ter empenho em possuir uma pequena Biblioteca Escoteira, onde possa procurar inspiração para as suas actividades escotistas e até para a sua vida.

Para ser Escoteiro — Provas de 3.ª classe — (para escoteiros)	3$00
(para outros)	4$00
Sempre Pronto — Provas de 2.ª classe	5$00
Livro de Jogos, de Botto Velho	15$00
Para ser Escoteiro, do Prof. Floriano de Paula — Provas de classe	12$00
Provas de 2.ª Classe, do Coronel Léo Borges Fortes	8$00
Aplicando o Sistema de Patrulhas, de E. E. Reynolds.	4$00
Curso de Monitores, (Guias de Patrulha)	12$00
Desporto, Cinema e Educação, pelo Prof. A. Álvaro Dória	5$00

RONDA MENSAL DE UM CINÉFILO

Abril, 15.

Cine-Clubes

Pelo país além intensifica-se a actividade dos cine-clubes. No mês que findou foi levada a efeito a inauguração da Secção de Cinema Cultural do Clube Desportivo da Póvoa de Varzim, sessão que foi preenchida com o filme francês de Jean Delannoy «*Regresso eterno*».—O Clube de Cinema de Leiria dedicou as suas últimas sessões ao cinema brasileiro, apresentando os filmes «*O Cangaceiro*» e «*Sinfiá Moça*». — O Cine-Clube de Viseu promoveu, no fim do mês passado, mais uma sessão, com o filme «*Moulin Rouge*».

A acção desenvolvida pelos cine-clubes (foque-se, a propósito, que falo das actividades de 3 dos mais recentemente fundados) acelera-se de dia para dia, de sessão para sessão. Este movimento, de flagrante interesse para o público que se preocupa sèriamente com os problemas cinematográficos, evidencia-se por uma maior expansão da cultura do cinema.

Abril, 18

Pietro Germi e «O Ferroviário».

Assisti à estreia, no Porto, de «*O Ferroviário*». Para além da obra em si, interessou-me a realização de Germi, o notável mestre de «*Em nome da lei*» (1948), «*O Caminho da Esperança*» (1950) e «*A cidade defende-se*» (1951). O próprio Pietro Germi foi o autor dos argumentos de alguns dos seus filmes. Narrador profundo, poeta altamente paisagístico, adorador da simplicidade e simultânea grandeza da natureza, caracteriza os seus filmes por uma singeleza de acentuada harmonia, imprimindo-lhes toda a sua humanidade de homem modesto. Uma vez mais Germi me assombrou; tanto, que me proponho fazer uma meditação mais cuidada sobre «*O Ferroviário*». Influenciado na remoçada escola italiana, talhada nos pequenos nadas, que são o tudo da vida, o filme é, estruturalmente, um drama, o que se afiguraria ser um pesadelo, se o colocasse em relação a outros filmes dramáticos italianos — casos de «ANA» e «DRAMA NO ARROZAL», etc.— Mas neste filme, não. Sente-se o drama, é visível o sofrimento cotidiano, adivinha-se a miséria e o álcool, mas a tudo isso se sobrepõe a natural ternura de Pietro Germi, o seu iniludível amor pela vida dos semelhantes, comparando-a a um ninho de amor e de igualdade humana. Acentuação flagrante do filme, é mais um novo poema fílmico de Germi, do que um estudo social sobre as condições de trabalho e subsistência do operariado ferroviário italiano.

Abril, 28

Filmes de 1956, que se aconselham para 1957.

Permito-me a apresentação de uma pequena lista de filmes que, referentes a 1956 devem ser distribuídos no nosso país durante o corrente ano. Por países e realizadores eis as novidades do ano passado: *FRANÇA:* "*O Mistério de Picasso*", de Clouzot; "*Gervásia*", de René Clement; "*Elena et les hommes*", de Renoir; "*La travessée de Paris*", de Autant-Lara; *ESPANHA:* "*Calle Mayor*", de Bardem; *HUNGRIA:* "*Pequeno carroucel de festa*", de Zoltan Fabri; "*Furacão sobre o vale*", de Frigyes Ban; *ITÁLIA:* "*L'amore*", de Rosselini; «*O Tecto*», de Vittório de Sica; *ÍNDIA:* "*Pathier Panchali*", de Satyagit Ray; *SUÉCIA:* "*Sorrisos duma noite de verão*", de Ingmar Bergman; *AMÉRICA:* «*Attack*» de Aldrich; "*The Killing*", de Stanley Kubritch; e «*Dossier Seçreto*», de Orson Welles.

Maio, 1

Ainda Pietro Germi e «O Ferroviário

Tive o cuidado do rever mentalmente algumas cenas de "*O Ferroviário*". Reporto-me especialmente à atitude agressiva que Marcelo teve para com o pai (o ferroviário) quando este empurrou a mulher. Antecede a cena uma discussão familiar entre o pai e a filha Júlia, ante os olhares amargurados da mãe, discussão motivada pelo conhecimento que aquele teve de que a filha tinha mau comportamento matrimonial.

Um amigo meu apoiou a atitude de Marcelo, argumentando que o filho, tendo conhecimento da vida de alcoólico do pai e o pouco afecto que lhes (aos filhos) parecia dedicar, pretendera, não sòmente, defender a mãe, a quem estremecia. É claro que, como então enèrgicamente lhe frisei, não podia conceber uma tal atitude. Parece-me que se justifica plenamente o acto duro do pai, apontando com aspereza à filha o mau caminho que seguia, e o desgosto que isso lhe causava. A cena retrata simplesmente o desalento do pai e a reacção natural que teve, sentindo ruir repentinamente todo o esforço que empregara para dar aos filhos uma educação acentuadamente moral. Atitude humana e aceitável, portanto. A mãe, à luz de toda a sua paciente bondade, resignada à atribulada vida caseira que lhe sobrecarregava a existência, surge como simples medianeira da discussão, numa tentativa de aclamar os nervos. A intervenção do filho (que não se admitia mesmo numa situação muito mais grave) é condenável em absoluto.

O meu amigo deve de aceitar este ponto de vista, sob pena de não poder ser um bom educador. Porque o filme de Pietro Germi designa, acima de tudo, uma completa lição de humanidade e de amor.

Porto.

MAURÍCIO BRANCO DUARTE
(Da Tertúlia Aganipiana)

Quando Baden-Powell foi agraciado

(Conclusão da 4.ª página)

uma figura tão ilustre, e tão distinguida por outras nações com mercês honoríficas, tinha em tão alto apreço a condecoração portuguesa. E é também bastante honroso saber-se que Portugal foi das primeiras nações a homenagear o Escoteiro-Chefe-Mundial.

Os Escoteiros que representarem Portugal no grande Jambori Mundial, quando visitarem a Sala de Baden-Powell em Londres, sentirão viva alegria ao olharem a comenda da Ordem Militar de Cristo que ali se encontra exposta entre tantas outras condecorações.

«SEMPRE PRONTO»

Em virtude do Corpo Directivo do nosso mensário partir na noite de 25 do corrente para Paris a caminho de Sutton Park, aonde vai participar no «JIM», o «Sempre Pronto» não será publicado em Agosto, pelo que o presente número será duplo e respeitante aos meses de Julho e Agosto.

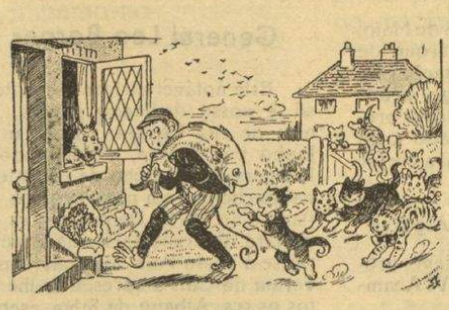
Em meados de Setembro, publicaremos um número dedicado ao JIM com a reportagem que especialmente ali será feita para o «Sempre Pronto».

Aquele que é feliz é rico, o que não quer dizer que todo o rico seja feliz.

B.-P.

AVENTURAS DE FIFI

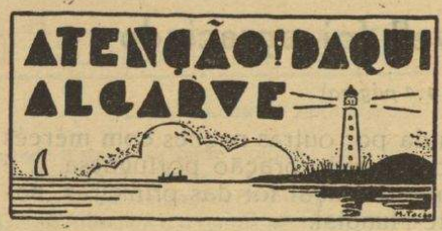
XV



Olhem a aflição do pobre Fifi. Se não chega tão depressa a casa, os gatos eram capazes de lhe comer o peixe, tantos eles são. O cão é que não parece muito satisfeito com aquelas visitas inesperadas...



Sempre distraído, Fifi não reparou que o chão estava molhado... e pum!... caiu. Felizmente a queda não teve consequências desagradáveis, a não ser uma dorzinha num certo sítio... Que grande susto que a senhora apanhou!



VI Acampamento Regional do Algarve

Este acampamento realizado em Faro e organizado pelo Grupo 77 desta cidade, foi uma grandiosa jornada escotista. O campo foi montado ao fim da tarde do dia 8 de Junho passado, com a participação dos grupos 6 de Olhão, 60 de Vila Real de Santo António e 77 de Faro, cujas patrulhas estabeleceram os seus campos, tendo sido escolhido pelos respectivos dirigentes o sr. Francisco Pina para desempenhar o cargo de chefe de campo.

No Domingo, logo de manhã, chegaram ao campo os lobitos do grupo 6, bem como algumas avezinhas da Companhia de Guias de Portugal com sede em Olhão. O dia amanheceu chuvoso o que prejudicou o programa de trabalhos marcado para essa manhã, particularmente o desfile que se devia realizar na cidade. Assim mesmo, porém, às 15 horas, começaram a chegar ao campo as entidades convidadas. O sr. Governador Civil era aguardado à entrada do acampamento pelo Presidente da Direcção do Grugo 77, sr. dr. Torres Vieira, e pelos Chefes dos grupos, que lhe apresentaram cumprimentos. O mesmo tendo acontecido com os srs. Presidente da Câmara Municipal de Faro, 2.º Comandante do Regimento de Infantaria n.º 4, representante do Capitão do Porto de Faro, representante do Comandante da Polícia de Segurança Pública, Chefe da Polícia Internacional; o Delegado da Fraternal, Chefe João Trigueiros, que representava o sr. dr. Tovar de Lemos; Alves de Azevedo, representando o Escoteiro-Chefe-Geral, Chefe Rodrigues da Silva, e José Ferreira, chefe de divisão do Grupo n.º 10 de Lisboa.

Seguiu-se uma visita de inspecção ao acampamento, durante a qual o Chefe de Campo explicou ao sr. Governador Civil e restantes convidados os motivos das várias actividades, particularmente os trabalhos das patrulhas, tendo no final o presidente da Direcção do Grupo 77 agradecido a visita de todos os convidados. O Sr. Governador Civil afirmou o seu muito interesse pelo movimento dos Escoteiros de Portugal, que podia contar com o seu apoio.

Fogo do Conselho

Nessa mesma noite realizou-se um fogo de conselho, durante o qual os escoteiros apresentaram um bom programa de canções e números do folclore regional, tendo assistido um bom número de convidados e famílias dos escoteiros, apesar da noite estar um pouco fria.

Último dia de Acampamento

O belo sol algarvio animou a alvorada do Dia de Portugal. Por isso, a vida de campo foi bastante activa e os escoteiros dos diferentes grupos confraternizaram alegremente, tendo-se realizado logo de manhã o anunciado desfile pelas ruas da cidade.

À tarde, houve festa de campo, com interessantes números de jogos e actividades desportivas, especialmente apresentados pelo Grupo 6.

Às 18 horas, iniciou-se o levantar do acampamento e às 20 procedeu-se ao arrear das bandeiras. No momento da despedida, usaram da palavra o Chefe José Ferreira, do Grupo 10, e os chefes dos Grupos 6 e 77, tendo estes afirmado que a actividade do Escotismo no Algarve prosseguiria dentro da melhor colaboração. — *C.*

Homenagem à memória de Alexandre Herculano

(Conclusão da 7.ª página)

das mais belas páginas da literatura portuguesa, pelo seu conteúdo dramático, pelo seu carácter epopeico, pela profundidade do pensamento.

Crente sincero, nunca aceitou inovações que maculassem a fé, conservando-se sempre fiel aos princípios religiosos que desde a mais tenra idade lhe norteavam a vida. Foi este escrúpulo manifestado em diversas conjunturas que lhe havia de trazer os maiores dissabores, provocados por mentes mesquinhas e fanáticas, as quais não lograram contudo fazê-lo desviar um só passo da linha de pensamento e de fé que professava.

São estas as linhas gerais da personalidade de Herculano, a que os escoteiros prestam hoje esta singela homenagem, da qual há a sublinhar um sinal de bom augúrio: é que, quando a mocidade se aproxima, de vontade própria, das cinzas dalguém que foi grande como figura moral, como valor intelectual, como artista de vastos recursos e como patriota inconcusso, é motivo evidente para se pensar que esses jovens têm de facto um culto sincero e respeitoso por essas virtudes tão meritórias. Assim, pode-se concluir que a Pátria tem na sua juventude os homens com que pode contar para a construção de um futuro promissor cheio das mais elevadas realizações.

Nós, neste momento, o mais que podemos desejar é que este punhado de rapazes compreenda com suficiência o carácter do Homem que rodeamos. Desta forma, ganharemos a certeza de que não sairemos daqui sem tirar proveitosos resultados desta atitude dos escoteiros.

Que Deus os ajude a sempre se conservarem fiéis aos seus ideais, à semelhança do genial homem de letras a que estamos a render preito.

Notícias do Jambori

(Conclusão da 7.ª página)

Conferência Internacional o sr. Manuel Lopes Peixoto.

O «Sempre Pronto» estará presente no JIM representado pelos três membros do seu Corpo Directivo, que seguem para Inglaterra, via Paris, no dia 25 de Julho corrente.

O Corpo Nacional de Escutas enviará ao JIM uma numerosa representação de escoteiros, caminheiros e chefes, bem como assistentes espirituais.

Grupo n.º 60 — Vila Real de St.º António

Actividades de Campo

O «60» efectuou em 12 de Maio, na mata local, um animado exercício de treino para provas práticas de 2.ª e 1.ª classes.

— Em 21/22 do mesmo mês, realizou o seu primeiro acampamento deste ano, na mata, próximo da praia, tendo as Patrulhas competido, nos habituais programas de técnica, com pontuação a contar para o concurso trimestral «Centenário de Baden-Powell.

Parque de Campismo

O Grupo assistiu, na tarde de 28 de Maio, à cerimónia da inauguracão do Parque de Campismo desta Vila, nas imediações de Monte Gordo. Por ser o mais antigo praticante da modalidade que se encontrava presente, foi o Chefe do «60» convidado pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal a cortar a fita simbólica da inauguração.

VI Acampamento Regional do Algarve

Todo o efectivo do Grupo esteve presente em Faro para tomar parte no VI Acampamento Regional do Algarve.

As Patrulhas «Lobo» e «Poupa» serviram-se de mesas, bancos e lavatórios desmontáveis, construídos de cana pelos seus componentes, objectos que despertaram interesse nos visitantes do Acampamento. — *C.*

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

Visita — Em 11 de Maio passado, deu-nos o grato prazer de sua visita o Escoteiro do Grupo n.º 77 de Faro, José Nunes Domingos Barão, que, tendo passado por Lisboa de excursão, teve a gentileza de procurar o «Sempre Pronto» apresentando-nos saudações dos camaradas de Faro.

Casamento — Em 5 de Maio passado, no Entroncamento, o casamento do antigo escoteiro João Rabaça Horta com a sr.ª D. Antónia Maria Bochacha, acto que se revestiu de muita solenidade e se realizou na igreja local. Após a cerimónia, efectuou-se um *copo de água* em que participaram 130 convidados.

O noivo é sobrinho do subchefe do Grupo 84, sr. Aníbal Rodrigues Horta, antigo agente do «Sempre Pronto».

Apresentamos aos noivos os nossos sinceros votos de muitas felicidades.

De Viagem — Em 23 de Julho passado, a caminho do Brasil, em gozo de férias, embarcaram no «Ana C» o Rev. Dr. Gerson de Azevedo Meyer, sua Esposa D. Romélia Meyer e os seus dois filhos. Desejamos-lhe excelente viagem.

• O •

General Leo Borges Fortes

Este notável dirigente escoteiro do Brasil e nosso dedicado Amigo, na companhia de sua Esposa, passou no dia 29 de Junho por Lisboa, a bordo do «Highland Princess», a caminho de Inglaterra, aonde vai participar em novos cursos do Gilwell Park e no "JIM". Depois destas actividades, visitará diversos países da Europa e demorar-se-á nosso País algumas semanas. Estiveram no Cais a apresentar-lhe cumprimentos os srs. Albano da Silva, escoteiro-chefe-geral adjunto; Vítor de Lima e Santos, secretário internacional do C. N. E.; Eng.º Nobre Santos, Eduardo Alberto Silva, Henrique de Azevedo, António Larangeira, e o Corpo Directivo do "Sempre Pronto".

Isto aconteceu...

«O escoteiro está sempre alegre e bem disposto»

Aconteceu realmente. Estávamos preparando o almoço quando o caso se deu.

Era um desses dias calmos de Verão, em que o calor apertava e nos fazia trazer a roupa colada ao corpo.

Apesar de ser um fim de semana, os escoteiros da Patrulha Águia tinham construído uma mesa, para se poderem deliciar com o almoço que o guia e o outro guia da Cão estavam a preparar.

Nos dois lados do campo, visto que nós estávamos distantes do acampamento, trabalhava-se febrilmente porque a fome também ia apertando.

Já tínhamos preparado o refogado e a panela deitava por sua vez um cheiro delicioso, quando lhe deitámos para dentro o arroz; nós dois, os guias mais amigos do nosso grupo, temos um amplo poder e quase que somos doutores «Honoris Causa» na arte de culinária.

No acampamento, os escoteiros davam os últimos retoques na mesa, que serviria para o repasto.

Havia cinco minutos que o arroz estava na grande panela, quando eu avisei o Eduardo para começar a fritar os carapaus.

De princípio, a patrulha combinara peixe-espada, mas o meu camarada da Cão que veio sòzinho e por isso estava agregado à minha patrulha, é que foi ao mercado e em vez de peixe-espada trouxe carapaus... quase pelados.

Como bons escoteiros que somos, não nos zangámos, mas ele ouviu uma boa reprimenda!

A lenha estalava na fogueira feita pelo Eduardo e eu ajudei-o na sua lida, deitando o azeite na frigideira.

Pôs a frigideira ao lume e logo que o azeite começou a ferver, pegou nos carapaus e procurou a farinha, mas não a encontrou.

Em verdade, por descuido da nossa parte, tínhamo-nos esquecido de comprar esse cereal, que passado pelos bicharocos, os ajudaria na fritura.

Como o escoteiro nunca se atrapalha, ele pegou nos ditos e pô-los na frigideira, mas... ó desgraça!, os peixinhos pegaram-se ao fundo da frigideira e não se fritavam, torravam-se.

Experimentámos, pôr mais alguns e nada, todos se agarravam.

Desanimados, tirámos a frigideira do lume e pusemo-nos a pensar, como havíamos de preparar os peixes; mas sendo peritos na arte de culinária, lembrei-me de deitar aquelas dúzias de carapaus para dentro do arroz que já estava a abrir.

Eu lembrei-me; ele concordou, dito e feito: lá foram os pobre habitantes do reino aquático mergulhar nas profundezas da panela, meia de arroz.

Do outro lado, no acampamento, a mesa estava totalmente arranjada.

O calor apertava terrìvelmente e foi com satisfação que tirámos a panela do lume e saímos do pé daquela fornalha que abrasava.

Destapámos a panela e ao ver fez-nos horror era uma mistela sem cor ou melhor de uma cor acinzentada, que só pela vista que dava, nos tirou a vontade de comer. No acampamento, os rapazes esperavam ansiosos a nossa vinda.

Enfim, lá nos pusemos a caminho e foi com grande euforia que os escoteiros aclamaram a chegada dos «cozinheiros».

Deram-nos até um «bravo» à entrada do acampamento e correram todos para a mesa que estava realmente maravilhosa.

Depois de várias hesitações, decidi-me finalmente a servir o «menu» e fui distribuindo o arroz com carapaus pelos pratos, vendo ao mesmo tempo as caretas que os escoteiros faziam.

Como a maior parte dos peixes se desfez, ninguém conseguiu comer, porque a cada garfada que metíamos para a boca, só ia arroz e espinhas.

Enfim, a nossa aventura só não terminou mal, porque os escoteiros como bons rapazes, não se esqueceram do 7.º artigo da lei e levaram o caso para a brincadeira. Caso contrário, se Baden-Powell não fosse tão generoso e em vez de escrever, o «escoteiro é alegre e sorri perante as dificuldades», pusesse «o escoteiro é carrancudo e duro para com os seus camaradas», tínhamos com certeza apanhado uns quinze dias de cama.

Mas o certo é que os Águias, apesar de passarem bastante fome, podem-se orgulhar duma coisa: foram os inventores de mais um prato para a gastronomia — arroz de carapau — e esperam ufanos ver brevemente o seu famoso prato inscrito nos anais da culinária.

ARMANDO GARCIA INÁCIO
Ex-Guia da P. Águia do grupo 94

• • o • •

DO ENTRONCAMENTO

A Banda do Grupo n.º 84 dos Escoteiror de Portugal colaborou nos festejos que se realizaram nesta Vila de 22 a 24 de Junho passado, a favor do Centro de Assistência Social, tendo na noite de 22 efectuado um magnífico concerto no recinto de festas — C.



Mulheres Solitárias

Todas vós já tivestes ocasião de sentir passar a vosso lado a uma dessas mulheres cujos dias deslizam no meio da mais terrível solidão. Mulheres que, na decadência da vida, sentem em sua volta o mais espantoso vazio. Mulheres tristes e solitárias, às quais caracteriza, quer habitem em luxosas mansões ou míseras trapeiras, um selo inconfundível: o da sua fria e digna reserva. Reserva que tiveram talvez de adquirir quando um dia compreenderam que a sua hora era já passada, quem sabe se à força de esperarem o que não chegou jamais, ou à força de prodigalizar-se esplêndida e excessivamente na terrível feira do quotidiano.

Sim, indubitàvelmente, todas vós as tereis já encontrado ou pressentido alguma vez. E se sois das primeiras, se conseguistes traspassar a digna indiferença dos seus cerrados lábios, pudestes saber quanto de nós mesmas contém o seu passado. Elas também foram jovens e formosas. A sua pele, agora enrugada, foi fresca como é a nossa, e também os seus corações se abriram algum tempo ao amor, à amizade, à esperança...

Pobres mulheres solitárias! Quando as pressentis em derredor daí-lhes um pouco do calor da vossa juventude, pensando em que, felizmente, nunca sereis uma de elas. Porque se acaso a vossa hora for passada, sempre encontrareis aquela camarada que vos acompanhou quando o vosso caminho tinha um lema — Sempre Alerta! — ou respondia a um poético e belo nome — «Céu Cinzento», «Raio de Lua»... — Quando era por vós conhecido e cumprido um dos mais belos decálogos e, quiçá, especialmente o quarto dos seus artigos: «Uma Guia é tolerante, virtuosa e considera as demais Guias como irmãs, sem distinção de classe». (1) Enfim, quando éreis GUIAS!

Nunca poderemos ser mulheres solitárias, se cumprirmos fielmente e de boa vontade a nossa Lei, se estamos unidas e em todo o momento nos mostramos leais. Nunca poderemos ser mulheres isoladas, porque em todo o momento será dado à nossa voz levantar-se para gritar: — Tu e tu, bebestes junto a mim na

(Conclui na 12.ª página)

DOS AÇORES

Comemorações do Centenário de B.-P.

Uma palestra do E. C. Moniz Silva na Rádio

O chefe Moniz Silva, do Grupo n.º 52, de Angra do Heroísmo, proferiu no dia 22 de Fevereiro p. p., aos microfones de Rádio Clube de Angra, uma palestra em que focou alguns traços biográficos do Fundador do Escotismo.

Sessão solene promovida pelo Grupo n.º 52

No dia 31 de Março p. p., o Grupo n.º 52 promoveu, na sede dos Bombeiros Voluntários de Angra, uma sessão solene comemorativa do centenário de B.-P., em que foi também prestada homenagem a quatro caminheiros que vão prestar serviço militar.

Presidiu o sr. dr. Henrique da Costa Brás, que tinha a ladeá-lo outras personalidades de alto relevo desta Ilha.

Fizeram uso da palavra, o Chefe Moniz Silva e vários caminheiros do «52» e o escoteiro Leopoldino Tavares interpretou com brilho o soneto "Baden-Powell„ da autoria do dedicado chefe do grupo em festa.

No fim, todos os escoteiros presentes entoaram a "Canção do Adeus„, executando o tradicional abraço escotista. Por último, fizeram-se ouvir as vibrantes estrofes do Hino Nacional, cantado por toda a assistência.

Reunião promovida pelo Conselho Consultivo Regional do C. N. E.

Com a colaboração dos grupos n.º 52 da A. E. P. e Americano das Lajes, realizou-se no dia 28 de Abril uma sessão de homenagem a B.-P. promovida pelo Conselho Consultivo Regional do C. N. E. no salão de festas do Seminário de Angra. Após vários números de canto pelo grupo da B. A. 4, um caminheiro do clã 25, do Seminário, falou sobre a vida de B.-P. e sobre a história do Escotismo em Portugal. Um escoteiro do Grupo n.º 52 recitou uma poesia da autoria do chefe Moniz Silva.

A terminar, o caminheiro António Andrade Gomes fez um discurso sobre "O Pensamento da Igreja e o Escotismo„, tendo a seguir os presentes entoado o Hino Nacional.

Esta reunião foi antecedida de um desfile dos escoteiros através da cidade de Angra. Em frente do edifício do Governo Civil, o Chefe do Distrito passou revista a todos os escoteiros presentes, num total de 267.

Número comemorativo do Centenário de B.-P. do diário «A União»

O importante diário terceirense «A União» dedicou as páginas centrais da sua edição de 27 de Abril último à comemoração do Centenário de B.-P., com uma bem elaborada colaboração de diversas entidades, onde o nome do grande educador é convenientemente enaltecido com a publicação de dados biográficos, notas sobre a sua obra e apontamentos sobre a história do Escotismo nos Açores, além de uma excelente documentação fotográfica de assuntos escotistas.

Comemorações do «Dia do Escoteiro»

Em comemoração do «Dia do Escoteiro» o chefe Moniz Silva proferiu uma alocução aos microfones do Rádio Clube de Angra, no dia 23 de Abril p. p.

Na sede do Grupo n.º 52, este dirigente escotista falou aos rapazes deste grupo, tomando a seguir a ratificação do compromisso de honra dos escoteiros.

Ainda no mesmo dia, o «Diário Insular» publicou um trabalho do chefe Moniz Silva sobre a vida de B.-P.

Actividades do Grupo n.º 52

Em 5 de Maio p. p., o chefe e outros dirigentes deste Grupo foram em excursão de exploração às Furnas da Água, Furnas do Enxofre e Lagoa do Negro, ou seja um percurso superior a 30 kms., tendo sido retirado muito proveito desta actividade.

Actividades dos Escoteiros Americanos

Os escoteiros americanos da Base Aérea n.º 4 reuniram-se com suas famílias num jantar íntimo ao ar livre, tendo recebido convite para estar presente o chefe Moniz Silva do Grupo n.º 52.

Usaram da palavra os chefes americanos Sperling Pfingsten sobre assuntos referentes ao seu grupo e sobre a cooperação luso-americana. O chefe Moniz Silva agradeceu as atenções com que fora cumulado e saudou os camaradas americanos e todos os demais presentes.

GUIDISMO

(Conclusão da 11.ª página)

mesma fonte e comestes da mesma árvore, por isso vos reconheço como irmãs e espero ser por vós também reconhecida. — Por estas palavras, irmãs Guias do mundo, mulheres cujo coração se ufana dos mesmos sonhos e esperanças que o meu, por estas palavras jamais poderemos ser mulheres isoladas.

Quando pressentirmos que a fogueira se extingue e que os frutos que eram o nosso anelo não alcançaram a sua maturação, não temamos. Enquanto pudermos fazer uso de uma só palavra, irmã Guia, poderemos exclamar: — Não estamos sós!.

Madrid, Outono de 1956.

LORETO AZPEITIA L. DE AYALA
ALMA AZUL

(1) A versão do 4.º artigo da Lei das Guias de Portugal, diz: «A Guia é amiga de todas e irmã de todas as Guias».

• • o • •

Campo Escola «Cappy» de França

Os «Éclaireurs Unionistes de France» realizam de 24 de Agosto a 5 de Setembro próximo, em Verberie (Oise), o seu Acampamento Escola, Curso Insígnia de Madeira, com o 115.º período «Lobito» e 118.º período «Escoteiro».

No regresso do Jambori, participará neste acampamento e prestará provas no Curso de Lobitos o Caminheiro José Eduardo Pena Ribeiro, que está dirigindo com muito êxito a Alcateia do Grupo 94.

Marcha do Jambori de 1957

I

Marcha, marcha, marcha comigo irmão,
p'ro Jambori escotista,
junto à imensa multidão
que segue a boa pista.

CORO

Jambori! (palmas) Jambori! (palmas)
Venham três brados iguais,
e marchemos bem unidos
cinquenta anos mais!

II

Constantemente os vales rodeando,
pelas paisagens mais belas,
junto à fogueira cantando
sob a luz das 'strelas.

III

Tendo B.-P. como chefe, marchemos,
a vida é bela em verdade,
credos e raças cantemos
nossa fraternidade.

IV

Somos os da mão esquerda apertada,
somos todos bons 'scoteiros,
numa alegre caminhada
por vales e outeiros.

V

Desde agora jamais esqueceremos,
os dias felizes aqui,
tu e eu irmão viveremos
neste Jambori!

Versão de TACÃO MONTEIRO

* • *

O 23.º aniversário do Grupo n.º 94

No passado Domingo, dia 7 de Julho, realizou-se no Templo da Igreja Presbiteriana da Ajuda um culto de acção de graças pelo 23.º aniversário deste Grupo. A mensagem foi proferida pelo Rev. Saul de Sousa que traçou uma pista para a vida do Escoteiro, apontando o caminho cristão e escoteiro para triunfar das dificuldades através da confiança no poder de Deus.

O Rev. Rosa Baptista, presidente fundador do Grupo, colocou no estandarte do 94 a estrela de mais um ano de serviço, expressando a sua grande alegria pela vida activa do grupo a que ele dedica — afirmou — grande amizade e muito interesse.

No dia 8, na sede do Grupo, realizou-se um chá de confraternização em que participaram lobitos, escoteiros e caminheiros, num efectivo de 38 elementos. O Chefe do Grupo, o nosso camarada Capitolino Ferreira Macedo, usou da palavra no fim da reunião e afirmou que os componentes das 3 divisões do Grupo ao comemorarem mais um aniversário no momento em que o «94» está desenvolvendo uma intensa actividade, tomavam o compromisso de se dedicarem ainda mais à sua unidade escoteira, honrando as tradições dos 23 anos de história que se estavam comemorando.

No dia 11, realizou-se uma reunião dedicada aos pais dos lobitos, que compareceram em grande número, e com os quais os dirigentes do grupo conversaram largamente. Nesta ocasião, prestaram promessa mais 4 lobitos.

• • o • •

Não pode tornar os outros felizes quem se sente infeliz.

B.-P.

TIMOR

SUA TERRA, SUA GENTE E SUA HISTÓRIA

Conferência pronunciada por MANUEL FERREIRA na Sede da Juventude Evangélica Portuguesa, em 28 de Março de 1957.

É para mim motivo de grande satisfação encontrar-me com escoteiros, justamente quando se está comemorando o cinquentenário do escotismo e o centenário do nascimento de Lorde Baden-Powell, esse Homem excepcional que, depois de uma vida extraordinàriamente aventurosa, descansa para sempre no Quénia, num túmulo em que figuram apenas um trevo, uma flor-de-lis e o sinal de fim de pista. Afastado há muitos anos das fileiras, mas fiel ao lema do Chefe, ESCOTEIRO UMA VEZ, ESCOTEIRO TODA A VIDA, jamais deixei de viver e de amar o Movimento, que encontra no jornal «Sempre Pronto», dirigido pelo entusiasmo infatigável do velho lobo Eduardo Ribeiro, um paladino de valor inestimável. E a palestra que ides ouvir é devida à amabilidade desse jornal, de grande alma, e à gentileza da Juventude Evangélica Portuguesa que se prontificou a receber no seu Salão de Festas um modesto funcionário de Timor que outro merecimento não tem do que amar apaixonadamente a terra onde trabalha.

* * *

A TERRA

Ao entrar na baía de Dili, depara-se-nos o fundo do mar coberto de corais de todas as cores, umas berrantes e vivas, outras macias e suaves. Esse pomar submarino encantou a sensibilidade de Wenceslau de Morais, que várias vezes esteve na ilha do sândalo.

Acostados, vêem-se os *beiros*, os barquinhos timorenses, com flutuadores dos lados, para se não voltarem. Peixes, também muito coloridos, parecendo peças de aquário, nadam na restinga. Perto, na própria água, crescem as árvores do mangal.

Estendem-se, agora, saindo do oceano azul-esmeralda do Pacífico, a ilha esverdeada de Alor, outrora portuguesa, onde morreu, prisioneiro dos japoneses, o engenheiro Artur do Canto, e, ao lado, a ilha de Atauro, a que os geógrafos chamam, impròpriamente, de Pulo Cambing.

Subamos a encosta. À medida que se trepa, o ar arrefece e a paisagem desenrola-se, rica de cor. Se em Dili a temperatura é tal que exige três banhos diários, bastam cem metros de altitude para se dormir aconchegado na manta.

Até ao litoral, que vai desaparecer em areais franjados de espuma, alastram, airosos, debruçando-se sobre a imensidade azul do oceano, os coqueiros, os grandes amigos do viajante, pois os seus frutos proporcionam bebida saborosa e fresca. Aqui e além, erguem-se gondões centenários, que dez homens não conseguem abraçar. Árvores curiosas, de grande porte, depois de alcançarem determinada altura, deitam raízes dos lados do tronco. Essas raízes atingem a terra, fixam-se e constituem novos troncos que se unem ao tronco primitivo. Mas, por capricho da Natureza, as raízes subterrâneas são tão fracas e reduzidas que o vento um pouco mais forte derruba as árvores.

Continuemos, porém, a nossa caminhada. Por toda a ilha se encontram montanhas luminosas e vales sombrios, regatos saltitando sobre os seixos, alfombras de verdura, donde espreitam as arequeiras, as árvores mais elegantes de Timor. No leste, existe uma trepadeira pouco conhecida, que fornece um líquido agradável e leve que mata a sede. A cada passo, se encontram tubérculos comestíveis, saborosos e frescos. Em paz evangélica, ruminam búfalos enormes, cinzentos, de hastes em forma de lira.

Enquanto os galos do mato, pequeninos e vermelhos, desferem voos, ouvem-se gorjeios de aves de linda plumagem e gargantas ricas. Catatuas e periquitos cruzam os

ares, em busca de searas desprevenidas. E já que falamos em searas, julgo interessante referir como o timorense afugenta a passarada. Imaginem V. Ex.as uma seara. A meio, ergue-se uma espécie de torre da altura de um primeiro andar. A essa torre vão ter cordas vindas de todos os cantos da seara, cordas essas que têm penduradas folhas de coqueiro. No primeiro andar da torre, está um rapaz que, de vez em quando, puxa as cordas, as quais fazem mover as folhas, afugentando, assim, os invasores. Não se pode dizer que o processo não seja engenhoso.

A estrada corre, agora, entre roseirais. Na época das chuvas, toda a terra vermelha cobre-se de um manto verde, cheio de graça.

Chegámos à região do café, a primeira riqueza de Timor. Os seus ramos, carregados de café em flor, espalham perfume inebriante. Sobre os arbustos, estendem-se as árvores que lhes dão sombra, que não pode ser demasiada que sufoque o café, nem de menos que deixe o sol queimá-lo. Perto, crescem as seringueiras, de cujos golpes cai o líquido leitoso e espesso, que, depois de preparado, se tornará na borracha.

Nas árvores, enlaçam-se trepadeiras, e, em prodigiosa fecundidade, sobre essas plantas, ricas de seiva, outras parasitam, cobertas de flor, a folhagem pendente, como limos. É um delírio de cores, sob o céu puríssimo.

No leste, sobre troncos velhos de pau-ferro, pau-rosa e outras madeiras ricas, nascem as orquídeas pintadas de oiro. No oeste, cresce, embora em pequenas manchas, o sândalo, o sândalo cantado por Camões, o sândalo que foi o motivo do descobrimento da ilha e, em tempos recuados, a sua principal riqueza. Não será despropositado referir, já que estamos entre escoteiros, que há um provérbio chinês que diz: *Perdoa as ofensas. O sândalo perfuma o machado que o corta.*

E por todos os lados, se levantam picos morenos, montanhas de arestas rudes, cobertas de cedros, banhadas de luz, dessa luz que o sol espalha a rodos em Timor. Trepam as encostas os eucaliptos e fetos de alguns metros de altura, coroados de folhas caprichosamente recortadas. Aqui e além, nos socalcos das serranias ou nas planícies, rasgam-se várzeas de arroz e espreita o viço de pequenas hortas.

Ali, o milho, que é a base da alimentação do povo, produz duas vezes por ano. A feracidade da terra é tal que tudo cresce sem adubo, quase sem cuidados agrícolas. Se fizermos em torno de casa uma vedação de varas, teremos, daí a poucos dias, um arvoredo.

Crespúsculo. O céu veste-se de uma cor carmezim que torna mais nítidos os longes. O luar aproxima-se, parecendo um banho de mercúrio. Se o não houver, nas tijelinhas com óleo de coco brilham luzes. A bebida, extraída das palmeiras, saborosa e leve, corre nas canecas de bambu, acompanhando o arroz branco. O arroz vermelho é só destinado aos chefes nativos e a brancos categorizados.

Há, também, em Timor, um feijão venenoso que tem de cozer-se várias vezes para poder ser ingerido. Há anos, evadiram-se dum presídio, depois de assassinarem um sargento, alguns piratas chineses que ali estavam cumprindo sentença. Um deles, perdido no mato, aproximou-se duma palhota, onde estava uma velha timorense cozendo feijão.

Cheio de fome, o chinês exigiu de comer. A velha, por gestos, bem se queria opor, mas como o chinês a ameaçasse, deu-lhe uma grande pratada. O fugitivo comeu, repetiu e foi pouco a pouco adormecendo no sono de que jamais se acorda.

Falemos, agora, de outras singularidades. Nas árvores, saltam lagartos voadores, que tomam a cor dos objectos em que poisam. Uma osga enorme vive e canta em nossas casas, onde presta grandes serviços por ser gulosa de insectos. Nas cavernas, desenrolam-se jibóias impressionantes que chegam a esmagar búfalos. Num posto em que prestei serviço, os nativos mataram uma com seis metros de comprimento e a grossura de uma perna humana. De outra vez, apanharam uma cobra preta que havia comido uma galinha. Mataram o réptil, abriram-no e tiraram a ave com que se banquetearam, pois o timorense é pouco escrupuloso na sua alimentação.

Quando se mata um louva-a-Deus, quase sempre sai do insecto uma espécie de crina viva, que se desenrola, move e, ao que parece produz a filariose.

As rãs coaxam toda a noite e pulam na relva e nas árvores, aos milhares. Nas ribeiras, crescem camarões tão grandes como lagostins. Junto à foz, os crocodilos esperam alguém desprevenido. Devemos acrescentar que os nativos consideram o crocodilo seu

avô. Ainda hoje, lhes vão pôr na margem das ribeiras pedaços de carne. Também respeitam a jibóia, a enguia e a osga que vive em nossas casas. Mas não é só do crocodilo que o timorense se julga neto. Alguns supõem-se descendentes, por exemplo, do feijão, e, portanto, não o comem.

Em noites escuras, milhares de pirilampos brilham nas espinheiras que se tornam autênticas árvores do Natal. Em certa época do ano, ao anoitecer, surgem nuvens de formigas de asas, que esvoaçam em torno das luzes, caem aos milhares, perdem as asas e, voltando à forma de larvas, mergulham na terra. Noutra época, a ilha cobre-se de borboletas brancas, em tal quantidade que parecem flocos de neve. Ainda em outra ocasião, e só durante alguns dias, que o timorense prevê, o mar arroja a determinada praia do leste rolos de uma espécie de minhocas verdes e azuis utilizadas na alimentação. Também em outro dia, que calculam pela altura do sol, os timorenses da nossa fronteira cortam a comunicação que uma lagoa, chamada do Bé Malai, tem com o mar, através de um canal, e pescam, à cacetada, toneladas de peixe que ali encontram.

E que dizer dos cavalinhos, pequenos, de cascos duros, que alcançam na corrida o mais ligeiro veado? *Por onde andar uma cabra, passa o cavalo.* Ainda hoje, recordo a minha ascensão aos três mil metros do Tata Mai Lau, a montanha mais alta do mundo português, feita, a cavalo, por veredas estreitíssimas, debruçadas sobre abismos, onde a mais pequena escorregadela do cavalo seria a morte do cavaleiro.

O timorense aprecia as corridas em que os cavalinhos, sem estribos, sem selins, sem cabeçadas, apenas levam uma pequena corda na boca. Admiram muito no europeu a habilidade para a equitação. Ao governador Teófilo Duarte pôs o timorense a alcunha de *galo bravo*, devido à velocidade e destreza com que galopava, de tal maneira que cavalo e cavaleiro pareciam uma só peça.

No oceano, calmo no norte, e, por isso, chamado *mar mulher*, violento no sul e, por isso, chamado *mar homem*, nadam tartarugas imensas, que choram, deitando lágrimas, quando aprisionadas. Tão grandes que se tornam necessários dois homens para as transportar, as tartarugas vão fazer as suas posturas, às vezes de duzentos ovos, na areia, em buracos cavados por elas. Mas o timorense, guloso, descobre-lhes o rastro e desenterra os ovos, que come mesmo crus. A vitalidade da tartaruga é tanta que, algumas horas depois de morta, já feita em pedaços, ainda abre o bico.

Quanto ao reino mineral, há a citar as nascentes de petróleo. Noutros lados, o chão arde. É a *chama eterna*, produzida pelo contacto de certos gases com a atmosfera. Em Marobo, existe uma nascente abundantíssima de água fervente que cai, por muitas bicas, numa belíssima piscina. Essa água, que ao longe exala o cheiro característico do ácido sulfúrico, é calmante e boa para doenças de pele. Essa nascente é sagrada e junto dela, os nativos, depositam moedas, brincos, ganchos de cabelo, em cumprimento de promessas.

Visto num relance, é assim Timor, terra de paisagens estranhas, de montes altíssimos, de planícies infindas. Quando a percorremos, muito há que admirar. No alto de uma montanha, em Ossoroa, estende-se uma série de grutas subterrâneas que demora horas a percorrer e onde a Natureza esculpiu figuras de extraordinária perfeição. Noutros lados, tombam cascatas de altíssimos fraguedos. E, trepando as montanhas e descendo os vales, as acácias cobrem Timor de um manto amarelo e rubro.

Há meio século que António Nobre deixou, numa das suas poesias, esta angustiosa interrogação:

> Qu' é dos pintores do meu país estranho
> Onde estão eles que não vêm pintar?

Mantem-se a pergunta do poeta. Efectivamente, os nossos artistas correm a Metrópole, as ilhas adjacentes, um pouco da Europa, mas, raras excepções, ainda não encontraram o rumo do Ultramar. As nossas províncias estão cheias de panoramas inéditos. A Timor apenas se deslocou, propositadamente, Fausto Sampaio, que encheu a sua paleta de luz e reproduziu, fielmente, a ilha *verde e vermelha*. Dois outros artistas, Álvaro Canelas, este já falecido, e Maria de Lourdes Canencar, dedicaram os seus ócios, ele, de funcionário administrativo, ela de professora liceal, à interpretação da terra e da gente de Timor. Mas, em quatro séculos de colonização, parece-nos muito pouco.

A GENTE

Falemos, agora, um pouco da gente de Timor, que, proveniente, ao que parece, das mais diversas origens, fala cerca de trinta línguas, da qual a mais espalhada é o teto. Os homens trabalham nas forjas, nas lavras, nas estradas, nos serviços domésticos dos europeus, em tudo o necessário à vida timorense. As mulheres ocupam-se dos teares e vendem nos *bazares.* O homem que quiser casar, compra a mulher ao futuro sogro. Pode ser a pronto ou a prestações, mas se faltar ao seu compromisso, o marido arrisca-se a ver a mulher, com os filhos do casal, regressar à casa paterna. Os próprios filhos, enquanto o pai não paga totalmente o seu débito, usam um corte de cabelo especial: o crâneo todo rapado e só uma madeixa de cabelo na testa.

Quando morrem, os parentes fazem festas e dão banquetes. Tenho em meu poder algumas cartas de timorenses católicos, em que sou convidado para missas de sufrágio. Terminada a cerimónia, haverá um pequeno jantar, seguido de modesto baile.

Aqui há anos, a rainha de Maubara, católica também, convidava, no mesmo papel, os cristãos para uma missa por alma do marido, e os gentios para o *estilo* na casa sagrada, onde se guardam os feitiços.

A mulher, quando enviúva, deverá casar com um irmão do marido. Os primos em primeiro grau são irmãos. Os tios são pais. Os filhos dos padrinhos são irmãos também.

Deliram por questões. Fazem contratos que depois não desejam cumprir. Quando estive num posto, resolvi pôr fim às questões constantes e disparatadas que me eram submetidas e me roubavam tempo que poderia ter aplicação mais útil para os timorenses. Arranjei um livro para os nativos mencionarem os seus contratos. Lavrar-se-ia um auto, assinado pelos contratantes e pelas testemunhas. Assim, quando houvesse questão, não havia mais do que fazer respeitar o que constasse do livro.

Chamei os chefes nativos e expus-lhes a minha ideia. Disse-lhes que não resolveria questão alguma posterior à existência desse livro, sem estar ali registada. Os chefes ficaram radiantes. Mas nenhum timorense apareceu ali a fazer os seus contratos. É verdade que o livro ficou em branco; também é verdade que eu nunca mais resolvi questão alguma.

A maneira como muitos deles se exprimem em português é extremamente curiosa. Um guarda-fios enviou ao chefe da Repartição dos Correios uma carta a dizer que não poderia comparecer nesse dia ao serviço *por estar morto em casa.* O chefe da Repartição ficou indignado, julgando que o guarda-fios estaria a disfrutá-lo. Mandou averiguar e veio a saber que o pobre guarda-fios não podia, realmente, comparecer ao serviço porque lhe tinha falecido uma pessoa de família. Ele, coitado, queria apenas explicar que estava uma pessoa morta em sua casa.

Quando cheguei ao posto, vi-me aflito para resolver questões cuja base era o empréstimo de dinheiro. A história era sempre a mesma: um nativo tinha emprestado dez patacas a outro, e não lhe pagava.

O intérprete, cabo de sipais, explicava-me: — *Ó senhor chefe, o homem tem toda a razão, emprestou dinheiro ao outro e não lhe quere pagar.*

Eu dava tratos à imaginação.

— *Mas, então o homem emprestou e ainda por cima tem de pagar? Olha que isso realmente é uma óptima ideia.*

Só após muitas explicações do cabo, compreendi. Emprestar, em português de Timor, é pedir emprestado.

Outra dificuldade é o uso do sim e do não. Se nós perguntarmos a um timorense: *Tu amanhã não vais ao bazar?* Ele responde, prontamente: *Sim.* Que significa este sim? Quer dizer que não. É como se dissesse: *Sim, eu amanhã não vou ao bazar.* Mas para a pessoa que chega a Timor e entra logo em contacto com os nativos, faz certa confusão esta maneira de se expressarem.

Certa vez, deu-se comigo um episódio curioso. Tinha, no posto a meu cargo, uma enorme quantidade de gamute, que é a casca de uma árvore que serve para cobertura de casas. Resolvi devidamente autorizado, oferecer aquelas toneladas de gamute às Missões Salesianas, que precisavam dessa fibra para a cobertura de algumas instalações. Mandei um sipai dizer ao Padre Superior que, quando quisesse, podia mandar buscar o gamute ao

posto. No dia seguinte, o padre apareceu espavorido a perguntar para que queria eu mais gamute, se tinha lá tanto. É que o sipai em vez de dizer ao Padre para *ir buscar* o gamute, havia-lhe dito para *ir levar* o gamute. Daí para o futuro, recados só por escrito.

Aqui há tempo, li, um caso passado com um timorense, que, pelo conhecimento que tenho daquele povo, não me custa a acreditar. Um comerciante de Dili mandou, por um criado, a uma sucursal, no interior, um fardo com várias peças de fazenda, acompanhado da respectiva factura. Conhecendo os hábitos do timorense, o comerciante recomendou-lhe: *Vê lá bem o que fazes! Olha que este papel vê as peças que vão aí...*

O timorense ficou a meditar. Mas a certa altura do percurso, a tentação foi poderosa e surripiou uma peça.

Quando chegou à sucursal, o comerciante leu a factura e conferiu as fazendas. Ao dar pela falta, perguntou ao nativo: — *Olha lá, Bere Leque, o papel aqui diz que vinham oito peças e eu vejo só sete. Como foi isto arranjado?*

Então o Bere Leque respondeu, com a maior ingenuidade:

— *Não sei, patrão. O papel não podia ter visto nada, porque eu enterrei-o quando tirei a peça.*

As suas crendices são muito curiosas. Tive um cozinheiro, aliás com pouca habilidade para o ofício. Quando, por vezes, tinha visitas — o administrador, o médico, o regente agrícola—era-lhe recomendado o maior cuidado nas refeições. Então, o nosso homem pendurava à porta da cozinha umas certas flores para que corresse tudo bem. E ou fosse da sua fé na virtude das flores ou do cuidado nos temperos, o que é certo é que nunca me deixou envergonhado diante das visitas.

De outra vez, fizemos, eu e ele, uma viagem de seis horas a cavalo, da sede da circunscrição ao posto. Logo que partimos, o tempo ameaçava chuva. De vez em quando, dizia eu ao meu companheiro: — *Domingos, não chegamos a Tutuala sem água.*

— *Não, patrão. Eu levo aqui no chapéu uma flor que afasta a chuva.*

O que é certo é que não choveu durante o percurso. E assim que chegámos a Tutuala, e o bom do Domingos tirou a flor do chapéu, a chuva caiu em cataratas.

Em certa tarde, acompanhado do intérprete, percorri de *beiro* a costa, em vigilância. Faltava o vento. A certa altura, vejo o cabo soprar num búzio. Perguntei-lhe qual a finalidade desse sopro. Respondeu-me que estava a chamar o vento.

Escusado será dizer que não sou supersticioso, mas momentos depois, um ventinho forte fazia enfunar as velas do *beiro*. Coincidência? Certamente. Mas são os acasos que dão força às superstições...

É curioso, também, observar, que, nos reinos nativos, havia indivíduos que sabiam ler e compilavam as notícias do que acontecia, bem como as lendas e tradições. Desempenhavam o papel dos nossos velhos cronistas. Todo esse precioso material se deve ter perdido com a ocupação estrangeira.

São muito apegados às suas tradições. Nas casas onde se encontram os objectos do seu culto animista, vêem-se bastões de velhos régulos, louças antigas, fardas de há séculos, por vezes bolorentos pergaminhos. Num local onde prestei serviço, ainda encontrei uma mulher, casada com um pescador, e que se considerava descendente dum velho que viveu, naquele posto, antes da ocupação portuguesa. E ainda me vieram ter às mãos as moedas antigas de Timor.

A terra tão poética corresponde, como não podia deixar de ser, um povo, que, embora feroz na guerra, é, na paz, pacífico, pitoresco, poético, também. Nas horas vagas, no silêncio das suas palhotas, contam histórias velhas, ou propõem adivinhas. *Qual a esteira que leva toda a vida a enrolar e a desenrolar?* É o oceano com as suas marés. *Há um tapete negro coberto de flores.* É o céu recamado de estrelas. *A rainha está triste porque o rei se demora.* É o mar quando lhe falta o vento.

Conhecem as virtudes de muitas plantas. A um velho, antigo chefe, perguntei porque é que, sabendo ele de tantos remédios eficazes, não os ensinava aos brancos. Encolheu os ombros, e, depois, olhando em torno, como se receasse ser escutado por mais alguém, retorquiu:

—*Senhor chefe, nós não gostamos de ensinar os nossos remédios ao malai* (é o nome que os timorenses nos dão). *Porque se o malai se cura, nunca diz que foi devido ao remédio e se piora, cai tudo em cima do pobre timor.*

Talvez não saibam como eles caçam os pássaros. Imaginem uma cana comprida e delgada. Introduzem-lhe uma seta, feita também de bambu, e tendo numa das extremidades algumas penas de galinha. Sopram a seta, que pode ir a muitas dezenas de metros. Com ela, abatem as aves em pleno voo, e, às vezes, matam-se uns aos outros.

A nossa obra civilizadora — em que tem desempenhado papel de excepcional relevo as missões, especialmente as Salesianas — conseguiu que eles abandonassem usos muito bárbaros. Antigamente — e essa antiguidade remonta apenas a meio século — não se enterravam os mortos sem comparecerem todos os parentes. O defunto ficava semanas, meses, ou até anos, a decompor-se sobre uma espécie de padiola. Na abertura da lagoa de Bé Malai, era costume abater-se um prisioneiro, e, com o seu sangue, tingir as águas. Hoje, utilizam um porco. Dantes, quando havia uma questão, mergulhavam queixoso e réu numa lagoa onde houvesse crocodilos. O *avô* devorava um deles; era o que não tinha razão. Se os dois fossem devorados, ambos tinham culpas.

E o corte de cabeça? Era neles um uso arreigado, para que o espírito do morto os não perseguisse. Quando foi da revolta de Nanufai, em 1912, chefiada pelo régulo D. Boaventura Soto Maior, e que alastrou a quase toda a Província, os poucos timorenses que nos ficaram fiéis e se ofereceram para bater os rebeldes, perguntaram ao governador Filomeno da Câmara se poderiam cortar cabeça. Claro está que Filomeno teve de autorizar, porque, se o não fizesse, não contaria um só aliado. Houve quem criticasse o grande governador, por ter consentido tal uso, mas é muito fácil e cómodo criticar-se quando se está a três mil léguas dos acontecimentos.

Depois do corte de cabeças que eram esvaziadas, limpas e secas ao fumeiro, dançava-se o *loron çá*, palavras que significam *sol nascente*, dança guerreira, em que, ao mesmo tempo que se louvava o inimigo morto e se lhe pedia perdão, se davam pontapés às cabeças decapitadas.

Gente pitoresca, com um certo conceito de justiça, os seus principais régulos, de ambos os sexos, tinham o posto de coronel, as honras de rei e o título de dom. Muitos desses régulos mereceram a Torre-e-Espada por serviços prestados durante as campanhas da pacificação.

As cerimónias gentílicas do timorense chamam-se *estilos*. Tanto podem ser para o primeiro corte de cabelo, como para o início de uma sementeira ou a construção de uma casa. Como os romanos, antes de declarar guerra matavam um galo e observavam-lhe as entranhas. Da maneira como elas se apresentavam, dependia o início da luta. Antes duma campanha, os aliados uniam-se por um juramento, bebendo todos uma mistela composta de álcool, de pólvora e do próprio sangue.

Chegados à cidade, a primeira aguarela viva que se nos depara é o *bazar*, o mercado, onde nativos compram e vendem os produtos da terra, as esteiras, a olaria rude.

Ouve-se a vozearia das mulheres e dos homens, quase de todas as cores, eles de camisolas e tecidos de riscado vermelho, verde ou azul, elas de panos que tecem nos teares primitivos. Embainhada na folha de palmeira, traz o timorense a catana, companheira de sempre, com a qual desbasta o capim, constrói a casa e golpeia alguma bicheza que surja do mato.

Sob o terreiro do mercado, amontoavam-se as cestas, mostrando o feijão, as laranjas, a mandioca da cor da neve, as espigas de milho, os cocos, as papaias doiradas.

As *nonas* — assim chamam às nativas, companheiras dos europeus, termo esse deturpado, ao que parece, da palavra *donas*, da Zambézia — caminham com garridice, as blusas, com botões de oiro, e as saias estampadas modelando-lhes os corpos graciosos. Na estrada, junto de modernos *jeeps*, rolam carrinhos puxados por cavalos que parecem brinquedos.

Vestindo calças amplas, as mulheres chinesas fazem compras. Em Timor há para cima de três mil chineses, cujos chefes de família são quase todos comerciantes. Na capital, funciona, no liceu chinês, um grupo de escoteiros que, em dias de festa, desfralda pela cidade a sua bandeira com a flor-de-lis.

E já que se fala em escoteiros, vem a propósito referir que, em tempos, houve, em Timor, alguns grupos, graças à actividade do administrador Pinto Correia, já falecido, e do actual bispo, D. Jaime Goulart.

Terminou o mercado. Vai começar o combate de galos na arena, rodeada de arame.

Os timorenses aparecem, com os galos nos braços. Uns são pequenos, brancos, com reflexos de aço. Outros, enormes, pimpões, de um vermelho vivo, cantam ao colo dos donos. Como os cavalos de corrida, alguns são conhecidos em muitas léguas em redor.

Os nativos, gritando, fazem apostas. Grupos cercam os jogadores. Com ares entendidos, velhos, de barbicha branca, miram as aves, discutem as probabilidades e arriscam algumas patacas. Olham o céu, pois um galo de determinada cor só pode jogar conforme a altura do sol.

Os possuidores das aves avançam para o recinto. Colocam os galos na arena e açulam-nos, enquanto lhes ajustam lâminas afiadas nos esporões. As aves baixam a cabeça, encrespadas, e lançam-se em furioso combate.

Quando o cansaço se apodera dos galos, os donos seguram-nos, carinhosamente, sopram-lhes os rasgões, falam-lhes, dão-lhes coragem. Recomeça a luta, voam as penas, a carne sofre horrendos golpes. O sangue mancha a arena.

É o delírio. Os homens enrouquecem. Os olhos parecem brasas. Tudo está suspenso do combate. O galo vencido foge ou estrebucha. O vencedor, por vezes lacerado e sangrento, ainda consegue forças para cantar o seu triunfo.

A turba aplaude, embriagada, enquanto o dono da ave vitoriosa salta como um palhaço, e ri, com esgares de louco, troçando do galo, que ficou esfrangalhado.

É triste o destino do galo de combate. Vencedor, paga quase sempre cara a vitória. Vencido, se escapar da arena, é morto e entregue ao dono do vencedor.

Mas, fora da arena, a vozearia continua. Mais apostas, mais galos que chegam, brancos, vermelhos, da cor do fogo. Mais timorenses que olham, que parecem interrogar o sol.

Chegámos a uma localidade onde há festa. Raparigas batem com os dedos em pequenos tambores. Algumas trazem doze brincos em cada orelha. Exibem pequenos açafates com rosas, molhadas ainda de orvalho, vermelhas como vestes de cardeal, amarelas como o ouro que aparece, em pequenas pepitas, nas ribeiras, brancas como a espuma que beija as praias, flores vindas dos jardins desse formoso jardim que é Timor.

Os guerreiros, de rostos duros, por vezes cortados de cicatrizes, perfilam-se, toucados de penas, envoltos em panos ricos, as espadas lealíssimas brilhando ao sol. Sobre o peito moreno, descaem rodelas de oiro que pesam quilos, e cordões de coral vermelho que valem búfalos. À cinta, a bainha com lavores de prata. A bandeira, desbotada, queimada de pólvora, e, por vezes, tinta de sangue, ondula à brisa dessas tardes de sonho. Nenhum timorense pisará, sequer, a sombra da bandeira.

No outro dia, terminada a festa, o timorense volta à sua vida calma. À hora em que na Metrópole, a maioria das pessoas se deita, o nativo de Timor ergue-se para a sua faina. A diferença das horas é grande, o que permite que, por vezes, um telegrama expedido de Timor, chegue à Metrópole na véspera...

Indiferente a fusos horários, o timorense irá às várzeas transplantar o arroz. Voltará a esculpir em prata, ouro, ponta de búfalo e casca de tartaruga. Construirá as suas pitorescas palhotas, umas em forma cilíndrica, outras imitando as casas europeias, outras ainda erguidas sobre estacas. Ficará vermelho ao calor das forjas primitivas. E em dia de *bazar*, nessa ilha de primavera eterna, as mulheres, com os seus cabelos enfeitados a moedas de ouro, voltarão a vender os produtos da terra, e os homens olharão o sol, para que vença o galo vermelho, o galo da cor do sangue.

Poderia alongar-me durante horas, a relatar-vos usos e costumes estranhos daqueles povos. Não o podendo, porém, fazer, limitar-me-ei a mencionar, resumidamente, alguns que me parecem pitorescos:

— O timorense crê, piamente, na existência de bruxas, que, ao sol posto, se penduram nas árvores, de cabeça para baixo. Na testa têm luzes que se movem, ao baloiçar-se nos ramos. Não se lhes vê o rosto, porque deixam cair o cabelo.

— Enterram a cobra com a cabeça para um lado e o corpo para o outro, a fim de que a cabeça não se junte ao corpo, de que resultaria a ressurreição do réptil. Há, também, a crendice de que, quando se mata uma jibóia, o espírito dela se vinga e cobre de água a povoação em que a matam. Por isso, no caso que já contei, em que os timorenses mataram uma jibóia, eles cumpriram, porque eu havia dado ordem, mas, receosos da vingança do réptil, abandonaram suas casas e durante uma semana acamparam no alto duma serra, es-

perando ver, a todo o momento, submersa a sua povoação. Mas, por outro lado, se se matar uma cobra verde, aliás venenosa, uma enguia ou jibóia junto de uma fonte, esta seca, porque esse réptil era o dono da água.

— Pedem chuva, colocando nos caminhos espigas de milho. Mas se a água é muita, basta colocar às portas das habitações o ramo duma determinada erva.

— Quando adoece um filho, o nativo vai ao caminho e abre um ovo. Se este sai podre, o doente morre; caso contrário, é evidente que o filho se salva.

— Quanto mais rico é o morto, mais alta é a sepultura. E como no banquete funerário, se abate gado, é colocado na cabeceira da sepultura um par de chifres, geralmente os mais volumosos, dum búfalo abatido.

— Adoram a tatuagem. Dizem que, quando um nativo morre, é recebido no outro mundo pelas bruxas. Se tem tatuagens, o morto vai para uma casa branca. Se não se deixou tatuar, tem de ir viver com os porcos.

— Se um pássaro, chamado *cacoa*, cantar, alguém há-de enviuvar.

— Se uma pessoa vai sair e ouve cantar a osga que vive em nossas casas, deve voltar para trás, pois pode suceder-lhe mal. Mas se a simpática osga cantar sete vezes, dá sorte. Esta superstição existe também na ilha de Bali.

— Ao nascer, os pais mergulham um anel em água onde se cozem bananas e com ela lavam os olhos da criança. Para lhe porem nome, usam do seguinte processso: Escolhem o nome de um parente falecido. Se a criança chora, é porque o parente não concordou. Escolhem outro e outros, até a criança se calar. Suspendendo o choro, a criança fica com o último nome que lhe deram.

— Acreditam que o morto se levanta, embora sem vida, se um gato saltar sobre o caixão. Por isso, assim que morre um timorense, o primeiro cuidado é prender os gatos.

No campo da etnografia, Timor reserva ao estudioso muitas surpresas. Mas tal investigação tem de ser cuidadosa, para se distinguir o trigo do joio — isto é, o pròpriamente nativo daquilo que é importado...

Com efeito, basta citar alguns exemplos que nos desorientam. Deus é conhecido, na língua teto, por *Maromac*, o mesmo sucedendo entre os cuanhamas, no sul de Angola. No exame das entranhas das aves, exame esse que decide do início da realização duma empresa, há muito que recordar os aruspices da antiga Roma. A sua bebida predilecta, a *tuaca*, tem o mesmo nome que em Madagascar, o que talvez se justifique por aquela ilha, embora situada geogràficamente, em África, ser povoada por gente de raça malaia. As alianças de sangue assemelham-se às usadas em Moçambique, por exemplo, na região macua, em que um régulo, Mucapera, no princípio deste século, se uniu, por essa forma, ao grande sertanejo que foi Neutel de Abreu. A moeda primitiva é semelhante aos búzios de Angola, chamados *zimbos*. Em língua teto, a palavra *nu* significa coco que é uma noz. Em latim, o nome *nux* significa noz. Vento tem o nome de *ane*. Ora em grego, *anemos* significa também, vento.

Ao passar à meia-noite em certos lados, encontra-se, por vezes, um anãozinho com um barrete, que ataca o timorense. Embora pequenino, o gnomo tem muita força, mas o adversário ganha se conseguir arrebatar-lhe o barrete, pois, nesse caso, o anão fica à mercê do vencedor. Se este lhe fizer um pedido, é imediatamente satisfeito. Depois de ser atendido, o timorense restitui-lhe o carapuço, e o anão desaparece.

Embora risível, esta crendice existia em Roma no primeiro século da era cristã. Os autores latinos afirmavam que, ao arrebatar-se o chapéu a um fantasma, dispunha-se de todos os seus poderes. E igual superstição se encontra na Metrópole, na Espanha, no Brasil e em outros países.

Repito: aos estudiosos de etnografia e etnologia está reservado o estudo de material imenso e quase desconhecido.

A HISTÓRIA

Nesta terra maravilhosa, que há quatro séculos, foi, segundo consta, descoberta por António de Abreu, que veio à procura da madeira de sândalo, portugueses de todas as raças têm realizado uma obra que é orgulho de Portugal. Aqui repousam para sempre, sob

o arvoredo em flor e debaixo do mais lindo céu da nossa terra, brancos, negros, macaístas e timorenses, que misturaram os seus sangues para que Timor não deixasse de ser português.

É longo e extraordinàriamente emocionante o desfile das figuras históricas de Timor. Inicia-o o frade dominicano António Taveiro, que, certo dia, aportou a essas terras, sem mais arma do que o seu crucifixo nem outro escudo do que a sua fé. Ainda hoje, os timorenses, aludindo à maneira como Timor foi integrado na nossa Pátria, dizem que foram conquistados *pela água e pelo sal*. Em memória dos dominicanos, no brazão de Timor figura a cruz daquela ordem.

Segue-o vasta galeria de heróis, administradores e missionários: o governador Alcoforado, introduzindo a cultura do café; Afonso de Castro, escrevendo os *Anais de Timor*; Alfredo Maia, governador de singular visão, assassinado por incompreensões e intrigas. E, nesse cortejo, concebido pela nossa saudade, surge o vulto gigantesco de Celestino da Silva, a quem os inimigos chamavam *o rei de Timor*. A ele se deve o possuirmos ainda aquele território. Era tão temido, que os régulos, quando combinavam as suas revoltas, voltavam o retrato dele para a parede para que o grande governador não visse o que se passava. Precaução inútil, porque Celestino, à maneira de certo capitão-mor da Zambézia, possuía espiões de ambos os sexos em todos os reinos...

A seu lado, entre arrancadas e gritos de triunfo, surgem, banhados no próprio sangue, dois mártires. Um, o capitão Eduardo Inácio da Câmara, assassinado em Fohorém, pai do grande artista que foi Leal da Câmara. Outro, o alferes Francisco Duarte, a quem os nativos chamavam o *Arbiro*, isto é, *o homem invencível*, como não havia outro. Só uma bala de ouro o poderia abater, diziam as lendas. Figura pitoresca, *o Arbiro* comandava os seus grupos de timorenses, gritando, falando-lhes na língua nativa. Fugia das estradas, trepava abismos. Ainda hoje aos carreiros ínvios os nativos chamam *caminhos à Arbiro*. Junto dele, a esposa, digna continuadora das nossas mulheres de outras eras, carregava-lhe as armas e tinha sempre duas balas de reserva, para si e seu marido.

Surge o alferes Francisco Costa, que, aprisionado, traiçoeiramente, pelos holandeses, no posto de Lacumaras, exclama, com dignidade, depois de alguns bravos soldados landins terem escrito com o seu sangue o mais veemente protesto contra a agressão: *Se em Portugal se juntassem tantos homens armados para dominar um pequeno posto como o meu, o comandante da força atacante seria fuzilado por cobardia.*

Segue Filomeno da Câmara, que dominou a maior revolta que ainda houve em Timor, e impôs aos vencidos multas de extraordinário alcance — a plantação de muitos milhares de pés de café. Nessa campanha, ilustraram-se o bravo tenente Francisco Curado, que, tendo-se já batido em Coolela, foi depois o *Condestável do Rovuma*, a nossa maior figura da grande guerra em Moçambique; o herói timorense, coronel de segunda linha D. Luís dos Reis Noronha, conhecido pelo *coronel Luís de Lacló*, condecorado com a medalha do Valor Militar, e que aparecia com os seus homens, sempre que perigava a nossa soberania. Nenhum governador se retirava da Província sem abraçar, pùblicamente, o herói. Português dos melhores, tendo-lhe falecido um filho em Lisboa, onde estava a educar, e aconselhando-o algumas pessoas a que mandasse regressar a Timor outros filhos que também estavam na Metropole, o valente coronel Luís retorquiu que não, pois que em qualquer lado se morria e só na Metrópole os seus filhos poderiam aprender a ser bons portugueses. Também nessa campanha se distinguiram o padre Manuel Álvares Ferreira, que morreu, batendo-se à frente dos seus timorenses, continuando as tradições de outros sacerdotes que as circunstâncias obrigaram a ser soldados; e o major Mascarenhas Inglês, que, já reformado depois de uma brilhante carreira, se ofereceu para tomar parte nas operações e caiu para sempre como um português do século das espadas largas.

Outra página, pouco conhecida, da História de Timor, foi a escrita pelo sargento Baptista, comandante militar do posto de Tutuala.

Foi nos tempos da Grande Guerra, ainda a Alemanha não havia rompido as hostilidades com Portugal. O célebre navio corsário «Endem» chegou ao canal do Jaco, entre Timor e o ilhéu do mesmo nome. O sargento Baptista estava só, com uma espingarda velha. À sua frente, tinha um poderoso vaso de guerra. Mas não vacilou, dirigiu-se ao «Endem» e exigiu que o navio abandonasse as águas portuguesas. E disse, com muito desembaraço: «*Portugal está neutro e é aliado da Inglaterra. Aqui são águas portuguesas.*

Se fosse noutros tempos, eu até convidava o senhor comandante e os senhores oficiais a irem almoçar comigo, lá em cima, no posto. Mas assim, só o que eu tenho a dizer-lhes é que se vão embora».

O comandante, assombrado com a ousadia do sargento Baptista, mandou formar a marinhagem. Depois, ao sol esplendoroso do Oriente, a bandeira portuguesa subiu no mastro. E, quando o valente Baptista regressou a terra, o «Endem» abandonava o canal.

Chegámos às horas trágicas da ocupação estrangeira, que motivaram a morte heróica de D. Aleixo Corte Real, a *cabeça mais alta que ainda caiu em Timor*, no dizer dos nativos. Esse timorense, coronel de segunda linha e régulo de Ainaro, já havia prestado grandes serviços na revolta de Manufai, quando ainda gentio, se tornou notado com o nome de Nai Sesse. Mas, a meu ver, melhor ainda do que D. Aleixo, se comportou o heróico régulo de Luca, Jeremias dos Reis Amaral. Modestamente, simplesmente arriscando a vida, dia a dia, momento a momento, Jeremias auxiliou os europeus fugidos, conseguindo uma batata para este, um pano para aquele, uma gota de leite para uma criança. Iludindo o feroz japonês, o timorense prestou aos nossos compatriotas todo o auxílio de que era capaz a sua alma extraordinàriamente branca. Aprisionado pelo invasor, e sendo-lhe oferecida a vida se dissesse onde se escondiam os europeus, Jeremias, num rasgo que fez lembrar o de portugueses de outras eras, negou-se a falar, e morreu torturado, tendo de cavar a própria sepultura.

É dever de todo o português curvar-se, respeitosamente, ante a sua memória.

Outro nome heróico que jamais será esquecido é o de Artur do Canto Resende. Engenheiro-geógrafo, prestando serviço na missão da sua especialidade que então trabalhava em Timor, esse português de rija têmpera, quando ninguém queria o lugar de administrador do concelho de Dili, aceitou o cargo. Por um lado, havia que fazer respeitar a nossa política de neutralidade; por outro, tinham de se evitar vexames e violências dos japoneses. Ninguém mais falou em Timor com tal desassombro, e a sua atitude firme evitou muitas violências do invasor. Os japoneses, temendo esse homem recto, austero, que lhes falava com altivez, deportaram-no para a ilha de Alor, onde o heróico engenheiro morreu de fome, de doença e de desespero.

Mas não foram só heróis da guerra que deixaram o nome inscrito em letras de oiro na História de Timor. Ainda hoje, os velhos recordam um médico que fazia da profissão verdadeiro sacerdócio. Chamava-se ele Dr. António da Costa Carvalho. Depois de estar ali alguns anos e de ter tomado parte em campanhas, não só como médico, mas como soldado, o Dr. Carvalho embarcou no navio que o havia de trazer à Metrópole, a fim de gozar a licença a que tinha legítimo direito. Entretanto, soube que, em Dili, se dera um caso de cólera-morbo. Fiel à sua missão de médico, o Dr. Carvalho não hesitou. Mandou retirar as malas de bordo, desembarcou e voltou para o serviço. A cólera alastra a todo o Timor e centenas de nativos morrem, diàriamente. O próprio governador, impressionado com a abnegação do médico, recomendou-lhe que se não arriscasse demasiado. Surdo a todos os rogos, o seu brio profissional leva-o a expor-se cada vez mais. E o único europeu vítima da cólera foi o Dr. Carvalho. Seis anos depois, morreria em Lisboa, com idêntica abnegação, o Doutor Câmara Pestana. A morte de ambos constitui uma formosa lição para os escoteiros.

Está feita, ainda que a largos traços, a descrição de alguns vultos que deram a Timor todo o seu esforço e, muitos, a própria vida. Resta citar que a Timor se refere Camões, no seu imortal poema, que a baía de Dili e os seus fundos de coral impressionaram Wenceslau de Morais, e que a sua paisagem fez exclamar a Alberto Osório de Castro, a quem Gilberto Freyre, o ilustre sociólogo brasileiro, chamou «Laícádio Hearn português»:

E eis-te no fim do mundo
Costa verde e vermelha de Timor!
Mas que divina, extraordinária cor
A do teu céu, a do teu mar profundo!

Não admira que Timor encantasse Pinto Correia, que estudou, profundamente o seu povo, produzindo a obra *Gentio de Timor*, que o *Mercure de France* considera uma das

mais excelentes monografias etnográficas do mundo. Em Timor, aprendeu Gago Coutinho a fazer lume com dois pedaços de madeira. Sobre Timor, deixou-nos Leite de Magalhães primorosos artigos. Em Timor, descansa para sempre, em campa rasa, o grande antropologista Fonseca Cardoso. E em Dili, num modesto leito do hospital, tendo à cabeceira «Os Lusíadas» e uma biografia de Fernão de Magalhães, expirou o infatigável navegador solitário francês Alain Gerbault, exclamando: «É a minha última viagem».

Não quero terminar estas palavras sem dizer que, nessa parcela do nosso Ultramar, os portugueses têm feito uma obra de extraordinária beleza moral, mercê dos seus originais processos de colonização, que fizeram exclamar ao almirante inglês Edmond Poe, ao ver, em Lourenço Marques, poucos anos depois de Chaimite, vinte mil guerreiros negros armados, saudarem, respeitosamente, o Príncipe Real, estas palavras tão expressivas: *Isto só os portugueses poderiam fazer*. São os resultados dessa obra portentosa de colonização que assombraram algumas autoridades do Timor Indonésio, em visita a Dili, ao verem, no baile duma colectividade desportiva, a que assistia o Governador, homens e mulheres, brancos, mestiços e timores, dançando uns com os outros, irmãmente, sem olharem a cores, como filhos que eram da mesma Pátria. E havia razão para tal espanto, pois os indonésios, sob o domínio da Holanda, sentiram bem o que são as diferenças raciais, inadmissíveis e contrárias a todas as ideias cristãs. Acima de tudo, a obra colonizadora dos portugueses — nunca é demais repeti-lo — tem sido sempre norteada por tais ideias. Por isso, não pode jamais apagar-se da História. Os marcos da nossa colonização, mais do que monumentos enegrecidos pelos sóis e vendavais, mais do que crónicas delidas pelo tempo, os marcos da colonização portuguesa são as cruzes, espalhadas, generosamente, pelas sete Partidas do Mundo.

Para que metade da ilha de Timor seja ainda hoje nossa, muitos portugueses, de todas as cores, repousam ali para sempre numa última velada. Mas deixaram tal fama de seus nomes e de seus gestos que tornaram possível o milagre de, no momento da expulsão do invasor nipónico, os chefes nativos, famintos, cheios de ferimentos pelos maus tratos da ocupação estrangeira, levantaram, bem alto para que todo o mundo as visse, as nossas bandeiras, que são também as suas, sujas de pólvora, tintas de sangue, cheias de bafio por terem permanecido enterradas, para que o invasor as não infamasse. E são os nossos exemplos de bravura e de bondade, em quatro séculos de História de Timor, que fizeram com que, no momento em que a parte holandesa se revoltava contra os seus dominadores e se integrava na república da Indonésia, um dos mais ricos e vastos países do mundo, os timorenses de Portugal, unidos em volta da bandeira, mostraram que os homens que ali estão, de cores estranhas e usos pitorescos, são e sê-lo-ão sempre, portugueses dos melhores.

Julgo estar vendo, agora, o posto de Tutuala, no extremo-leste de Portugal. É dia de sol. A luz arranca estranhas cintilações às ondas do Pacífico. O mar parece coberto de pedrarias. Em torno do posto, crescem matas de essências ricas. As flores amarelas e vermelhas das acácias trepam às montanhas e contornam os vales. A costa trigueira, bordada pela espuma das vagas, estende-se até longe, debaixo da copa esguedelhada dos coqueiros. Em frente de nós, na imensidade cor de esmeralda, surgem nove ilhas, dos arquipélagos da Sonda, e das Molucas. Em torno delas, alarga-se a imensidão sem fim do mais extenso mar do Universo.

É domingo. Ouve-se um toque de sentido. Os cipaios apresentam armas. Vagarosamente, acariciada pela brisa, a bandeira sobe no mastro. O verde recorda-nos a vegetação opulenta de Timor. O vermelho, o sangue derramado em quatro séculos, para que Timor seja português. Sob a carícia esplendorosa do sol, naquela terra longínqua e formosa de Portugal, aquelas cores parecem-nos ainda mais vivas, parecem-nos ainda mais nossas.

E ao contemplarmos, no alto do mastro, dominando terras que são portuguesas e mares que viram passar os nossos galeões e ouviram, arripiados, o som das nossas bombardas, ocorre-nos, como uma prece, estes versos, tão belos, do grande poeta Silva Tavares:

Há sempre um encanto raro, excepcional
Oculto sob as páginas da História
Do nosso bem amado Portugal

Este mistério é que conduz à glória,
Vezes sem conto, o português fecundo
Em rasgos de ternura ou de nobreza.

Bendito seja Deus que fez o mundo
E pôs no mundo a gente portuguesa!

MANUEL FERREIRA

A publicação integral no «Sempre Pronto», da interessante conferência de Manuel Ferreira, em opúsculo, deve-se à muita simpatia, boa vontade e generosidade da Sr.ª Dr.ª Aida F. Gomes, que espontâneamente assumiu o encargo do custo do trabalho. Por tão gentil atitude nos confessamos muito agradecidos.